

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

Curso de Psicologia

LAURA HELENA GROSSO SILVA

A relação dos netos no processo de individuação das avós

SÃO PAULO

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

Curso de Psicologia

LAURA HELENA GROSSO SILVA

A relação dos netos no processo de individuação das avós

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Professora Doutora Ivelise Fortim de Campos

SÃO PAULO

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço às minhas avós Dedê e Rose, a quem também dedico esse trabalho, obrigada por serem a inspiração para esse estudo, por todas as comidas boas, pelas conversas, filmes que assistimos juntas, cuidados e por sempre serem avós tão incríveis. Espero que se um dia eu for avó que eu possa ser tão boa quanto vocês são para mim. Amo vocês.

Minha família, tanto nuclear quanto extensa, por me apoiarem e me ouvirem falar durante todos esses anos sobre a psicologia, a faculdade e nessa reta final sobre o TCC. Lu minha querida irmã que sempre me ajuda a compensar a racionalização de tudo. Minha mãe por todo o amor, incentivo e por me inspirar também com seu lado avô coruja. Meu pai por todo apoio à vida acadêmica e as piadas previsíveis que deixam tudo mais leve. Biel por todo companheirismo, compreensão por eu não querer sair de casa, apoio e afeto.

Minhas Maíças: Caca por todo incentivo e apoio para ser jovem e ao mesmo tempo me formar, Jana por sempre estar presente com música, um docinho, uno e risadas. Minha amiga Me desde sempre, sempre junto e me apoiando em tudo: TCC, tirar carta, shows, viagens e a lista segue. Meus monitores favoritos: Saraiva por toda parceria em tudo que a gente já fez juntos na PUC e que inventamos de fazer fora também, trabalhar com você é ótimo! E Hannah por todas as conversas sobre tipos, a vida na PUC e a vida introvertida. As mais que amigas da facul Biancats, Clarinha, Bru, Julinha, Nath obrigada por todos esses anos puquianas juntas, desde comer batata frita, os intervalos de aula, as frases incríveis e sem nexos, o companheirismo no meio do caos de aulas, os jogos de tabuleiro e as gargalhadas. Isa por toda extroversão, risadas, chocolates, topar tudo, opiniões sinceras e companheirismo, Ju Bourdoukan minha amiga espelho, por todas as conversas sobre tudo, sobre a lógica, sobre os tipos, sobre a vida e por todas as trocas que estar com você me proporciona, Sofia minha amiga de vamos se enfiar nisso sem saber no que vai dar, por todo companheirismo seja nas sextas, seja nos áudios relatórios do dia e por toda leveza que é viver com você e Ju Abud minha amiga que me complementa tanto, por tudo, não sei nem listar, é incrível ter compartilhado tantos anos de escola, agora de faculdade e espero que muitos mais de profissão.

Considero que esse trabalho é o início da série de despedidas que vão acontecer durante esse último ano de faculdade, então quero agradecer a todos que de alguma forma me ajudaram durante a graduação: funcionários da PUC, colegas de sala e de monitoria, professores e em especial os professores dos quais fui monitora: Marisa, Paula, Ciça, Cris,

Beth, Guilherme. Vocês me inspiram e me instigam, se eu pudesse passava um dia sendo vocês só para entender como é ver o mundo por seus olhos, obrigada por todo conhecimento transmitido e atenção. Um agradecimento mais do que especial à Marisa Catta-Preta por todos os anos de monitoria, conhecimentos, empenho e pelo parecer nesse trabalho. Se não fosse a sua fala “os netos puxam os avós” a ideia desse tema não teria existido.

Um agradecimento gigante para a Ivelise que me acompanhou muito nesse ano. Sua orientação foi ótima e essencial para passar por todo processo de fazer uma pesquisa. Te admiro muito Ivelise, você é incrível.

Às avós entrevistadas nessa pesquisa, obrigada pelo tempo e disponibilidade em contar as suas experiências.

LAURA HELENA GROSSO SILVA. A relação dos netos no processo de individuação das avós. 2022, Orientador: Profª Drª Ivelise Fortim

7.07.07.00-6 Psicologia do Desenvolvimento Humano

RESUMO

O trabalho pretende, a partir do referencial teórico da Psicologia Analítica, de C. G. Jung, compreender a participação dos netos no processo de individuação de suas avós. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, foi feito um questionário online para a pré-seleção das participantes e depois foram realizadas quatro entrevistas semidirigidas com avós entre 53 e 64 anos, a fim de apreender aspectos inconscientes e conscientes do seu processo de individuação e a implicação dos netos neste. Foi feita uma revisão bibliográfica sobre o tema da individuação para a Psicologia Analítica, bem como sobre o arquétipo do puer e do senex, ou seja, arquétipo da criança e do velho. Para tratar da avosidade em si foi feita uma revisão que abarcou tanto o tornar-se avó quanto os fatores que influenciam no exercício da avosidade. Como resultados, pode-se notar que há uma referência dos netos no processo de individuação das avós, contudo, das avós que tem relacionamentos mais próximos ao do(s) neto(s).

Palavras-chave: individuação; psicologia analítica; netos; avós; relação intergeracional

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1: Avós maternas, paternas ou materna e paterna | 38 |
|--|----|

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 OBJETIVOS | 13 |
| 2.1 Objetivo geral | 13 |
| 2.2 Objetivos específicos | 13 |
| 3 PSICOLOGIA ANALÍTICA, INDIVIDUAÇÃO E VELHICE | 13 |
| 3.1 O processo de individuação | 13 |
| 3.2 Puer-Senex | 16 |
| 4 AVOSIDADE | 20 |
| 4.1 O papel dos avós ao longo da história | 20 |
| 4.2 Características da avosidade | 21 |
| <i>4.2.1 Fatores que influenciam a avosidade</i> | <i>24</i> |
| 4.3 Tornar-se avó | 33 |
| 5 MÉTODO | 37 |
| 5.1 Participantes | 37 |
| <i>5.1.1 Tamanho da amostra</i> | <i>37</i> |
| <i>5.1.2 Seleção da amostra</i> | <i>37</i> |
| <i>5.1.3 Critérios de inclusão</i> | <i>37</i> |
| <i>5.1.4 Critérios de exclusão</i> | <i>37</i> |
| 5.2 Instrumentos | 37 |
| <i>5.2.1 Duração e Sequência de aplicação de instrumentos</i> | <i>39</i> |
| 5.3 Local de coleta de dados | 39 |
| 5.4 Método de análise dos dados | 39 |
| 5.5 Cuidados éticos | 39 |
| 5.6 Riscos | 39 |
| 5.7 Benefícios | 39 |
| 5.8 Desfecho | 40 |
| 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO | 41 |
| 6.1 Fatores da avosidade | 41 |
| <i>6.1.1 Reação com a notícia e o tornar-se avó</i> | <i>41</i> |
| <i>6.1.2 Distância geográfica e as diferenças entre avó materna e avó paterna</i> | <i>44</i> |
| <i>6.1.3 Tempo que dispõe na velhice, co-residência e a pandemia</i> | <i>46</i> |

| | |
|--|-----------|
| 6.1.4 Atividades realizadas com os netos, comunicação e tecnologia e relação com a nora..... | 48 |
| 6.1.5 Influência da avó que teve, visitar a maternidade e o “Vovó”..... | 50 |
| 6.2 Relação com a individuação e puer-senex | 53 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 58 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 60 |
| APÊNDICE A | 66 |
| APÊNDICE B | 68 |
| APÊNDICE C | 69 |

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca compreender qual é a participação dos netos no processo de individuação das avós. Tal processo foi teorizado por Carl Gustav Jung como um processo comum a todos os humanos, no qual ocorre a particularização do ser e sua diferenciação do coletivo (JUNG, 2011). O autor entende que a vida se divide em duas metades, sendo a primeira voltada às conquistas do mundo externo, enquanto a segunda voltada ao interno, uma vez que os valores da primeira metade da vida não são mais suficientes para viver (JUNG, 2000).

Em 2020, 91,5% dos avós são idosos (FGV SOCIAL, 2020), o que demonstra a relação direta entre ser avó e ser idoso. Nas projeções do IBGE (2018), demonstra-se que a população de mulheres idosas entre 60 e mais de 90 anos, no ano de 2021, será de mais de 17 milhões, um aumento de 6 milhões em comparação com a população de mesma faixa etária em 2010. As projeções para os anos seguintes apontam um crescimento dessa população, enquanto há uma diminuição da população entre 0 e 19 anos. Os dados indicam o aumento da população idosa, assim os netos e avós conviverão por mais tempo, junto da diminuição da população jovem, logo, existirão menos netos, demonstra-se a importância de estudos acerca do tema da avosidade, ou seja, relação entre avós e netos, uma vez que eles irão conviver por mais tempo e as relações serão mais exclusivas.

Para tratar dessa relação no capítulo “Psicologia Analítica, Individuação e Velhice” é feita uma revisão bibliográfica sobre os conceitos da Psicologia Analítica usados. Para Jung (2000) a vida é dividida entre duas metades, enquanto a primeira metade diz respeito às conquistas externas, na segunda isso não é mais possível, o indivíduo volta-se para o desenvolvimento psicológico da pessoa enquanto indivíduo, há uma mudança nos valores e uma reavaliação da vida até então durante a primeira metade. Tal processo de desenvolvimento é nomeado de individuação, consiste assim no processo de tornar-se a si mesmo, desenvolver a personalidade individual. Para tal deve haver um diálogo entre consciência e inconsciente, promovendo a integração de aspectos inconscientes (STEIN, 2006).

Além da individuação, há também as expressões dos arquétipos puer-senex, o arquétipo da criança e do velho. Jung (2002), discorre sobre o arquétipo do velho sábio,

sendo presente quando é necessária uma reflexão, conselhos e tomadas de decisão, enquanto o puer está relacionado ao caráter de futuro potencial, corrigindo unilateralidade da consciência, assim, é frequente aparecer imagens arquetípicas do puer durante o processo de individuação. Já para Hillman (2008) o arquétipo puer-senex são um só, estando apenas em polos opostos, sendo o senex relacionado à Cronos, impossibilidade de mudanças, ordem, formação e finalidade do ego e o puer relacionado à conexão direta com o espírito, o que implica velocidade, impaciência e impulsionamento do ego. Para Von Franz (2021) o *puer aeternus* é visível em jovens com complexo materno incomum, geralmente mantém características comuns da adolescência em outros momentos da vida e tem forte relação de dependência com a mãe. São impacientes, podem ser indisciplinados e desatentos, mas seu mundo interior é rico, além de serem agradáveis de conversar.

Pode-se pensar em quatro possibilidades de expressão do puer e senex. O puer como irresponsabilidade, uma vez que é impaciente e inexperiente, o puer como entusiasmo, uma vez que há uma busca pelo novo, o senex como rígido, uma vez que o novo é dificultoso e há um apego ao tradicional e o senex enquanto sabedoria, como o acúmulo de conhecimentos por meio da experiência (BERNARDI, 2010).

O capítulo seguinte, intitulado “Avosidade” trata dos temas que envolvem a avosidade. Tal termo é definido como a relação intrapsíquica e interpessoal, não ligada a idade cronológica, mas ligada ao laço de parentesco entre avós e netos (REDLER, 1986). Os avós ao longo da história tiveram diferentes papéis, os primeiros estudos datam de 1930 e 1940, sendo os avós considerados uma influência negativa para os netos (PIRES, 2010). A partir da Segunda Guerra Mundial os avós passam a ter maior papel de educação dos netos, uma vez que nas casas moram pais, avós e netos, há maior ausência dos pais e inserção das mães no mercado de trabalho (HENTING, 1946 *apud* FERNANDES, 2017). Já em 1960 a co-residência de avós e netos diminuiu, sendo a família nuclear apenas de pais e filhos (ANTÓNIO, 2010 *apud* FERNANDES, 2017) e a imagem dos avós passa a ser menos estereotipada (PIRES, 2010). Nos anos 1970 os avós passam a morar mais longe dos netos, ainda que passem a ser considerados como ajudantes na educação dos netos e como conexão com o passado. Nos anos 1980 aumenta a população de idosos, bem como os estudos sobre avós. Nos anos 1990 há estudos mais focados em núcleos

familiares maiores e que destacam o aumento da convivência entre gerações (FERNANDES, 2017).

O cenário de pandemia do Covid-19 implica em mudanças na relação entre avós e netos. Os avós ou se distanciaram dos netos por conta do isolamento social, uma vez que muito avós são idosos fazendo parte do grupo de risco, ou os avós passaram a cuidar dos netos porque com as escolas e creches fechadas, os pais e mães não conseguiram dar conta da demanda de trabalhar remoto e cuidar dos filhos, deixando-os com os avós (FONSECA; ANDRADE, 2020).

Ramos (2017) cita alguns fatores que influenciam a avosidade, são eles:

[...] a estrutura psíquica dos avós, a história familiar, o tipo de relacionamento com os filhos; a idade, o gênero e a saúde dos avós, o meio social e cultural em que vivem; a distância a que vivem dos netos e filhos; o sentimento de competência para lidar com as mudanças socioculturais e com as novas exigências colocadas por filhos e netos. (p. 235)

Nas funções que os avós assumem, incluem-se continuidade dos laços, transmissão de conhecimentos, cuidados com o neto, transmissão de valores familiares, educativos e culturais. Existem diversas classificações dos avós, os avós lúdicos que brincam com os netos, avós formais com papéis definidos, avós autoritários que dão ordens, avós distante que possuem pouco contato com os netos, avós substitutivos que são o cuidador e responsável na ausência dos pais (NEUGERTEN; WEINSTEIN, 1964 *apud* RAMOS, 2017).

Há uma diferenciação entre as funções assumidas pelas avós e pelos avôs, geralmente as mulheres participam mais em atividades de maternagem, socialização, atividades domésticas, educação e cuidado da saúde dos netos, enquanto os homens se envolvem mais em atividades de lazer, brincadeiras, estudos, trabalho e futuro dos netos (RAMOS, 2017; LUÍS, 2016).

Como características das avós destaca-se paciência, meiguice, bondade, disponibilidade, responsabilidade e preocupação. É comum as avós perceberem

similaridade entre o papel que exerce enquanto avó e o papel que exerce e exerceu enquanto mãe (DUTRA, 2008).

Como a pesquisa busca entender a relação dos netos no processo de individuação das avós, faz-se uma diferenciação e aprofundamento de fatores que influenciam a avosidade de mulheres, eles são: co-residência, netos com deficiência, diferença entre avó materna e paterna, divórcio dos pais, relação com a nora, distância geográfica entre neto e avó, contato com a tecnologia, relações por idade, sendo diferente a relação com o recém-nascido, criança, adolescente, jovem adulto/adulto, frequência que vê o(s) neto(s), o tipo de avó que teve e a neta que foi.

Tendo em vista os dados sobre avosidade e os conceitos da Psicologia Analítica a tenciona buscar, por meio de entrevistas com avós, compreender quais as relações entre os netos e suas avós e se há uma participação e contribuição deles, os netos, no processo de individuação das avós.

No formulário de pré-seleção das entrevistadas, 13 avós afirmaram ter disponibilidade para a entrevista. Dessas foram entrevistadas quatro avós entre 53 e 64 anos. Por meio de suas entrevistas foi possível ver a influência dos netos no processo de individuação das avós nas quais existe uma relação próxima, a proximidade, no entanto, depende de outros fatores, como relação da avó com a nora/genro, a distância geográfica entre ela e o(s) neto(s) e ser avó paterna ou materna e o tipo de interação com o neto.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender a relação entre avós e netos a partir da perspectiva da Psicologia Analítica.

2.2 Objetivos específicos

1. Verificar se as avós têm a percepção da participação dos netos no seu processo de individuação.
2. Descrever como ocorrem as relações entre avós e netos.

3 PSICOLOGIA ANALÍTICA, INDIVIDUAÇÃO E VELHICE

3.1 O processo de individuação

Jung (2000) entende que a vida é dividida em duas metades e usa de uma analogia com o sol para falar delas, afirmando que os humanos e a consciência humana, assim como o sol, elevam-se e seu objetivo é o de alcançar a maior altura possível, então, ao meio-dia:

[...] o Sol começa a declinar e este declínio significa uma inversão de todos os valores e ideias cultivados durante a manhã. O Sol torna-se, então, contraditório consigo mesmo. É como se recolhesse dentro de si seus próprios raios, em vez de emití-los. (§ 778)

Trata-se, então, de um processo de mudança da primeira metade da vida para a segunda, em que não é mais possível viver com os mesmos valores. O que foi utilizado para passar pela primeira metade, que pode ter sido útil por mostrar o caminho à ampliação e consolidação da existência, não pode e não consegue guiar no desenvolvimento da consciência humana (JUNG, 2000).

A esse processo, Jung (2011) chama de individuação e a define como

[...] em geral, é o processo de formação e particularização do ser individual, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É

portanto, um *processo de diferenciação* que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual (§ 853, grifo do autor)

Na primeira fase da vida, o ideal é a diferenciação do eu com o entorno, o resto do mundo, ou seja, o desenvolvimento do ego e da persona e as conquistas atrelados ao mundo exterior. Já na segunda fase da vida, é necessário que haja uma integração de aspectos inconscientes, como elementos de sombra, anima e animus, criando uma unificação com os conteúdos inconscientes, conteúdos de potencialidades não realizadas, sendo que tal processo ocorre pela compensação entre consciência e inconsciente (STEIN, 2006).

Essa assimilação de tais conteúdos, por vezes, pode ser acompanhada de uma autoconfiança exagerada, em que o indivíduo acredita compreender todos os conteúdos do inconsciente, sendo que tal fenômeno pode ocorrer durante um processo terapêutico. Na outra extremidade, a pessoa pode ser acometida por um sentimento de depressão e de esmagamento diante da imensidão dos conteúdos inconscientes. Aos dois extremos, Jung dá o nome de inflações do ego. É importante destacar que, como todo processo psíquico, há no inconsciente desses indivíduos o oposto, logo uma pessoa com uma inflação de confiança exagerada, tem em seu inconsciente um sentimento de inferioridade (JUNG, 2011).

A individuação inclui diversos movimentos, eles são: o desvestimento das falsas roupagens da persona, cuja construção é benéfica, mas não deve haver sua supervalorização, criando uma identificação com um título ou cargo. Nos sonhos, a persona geralmente se expressa por vestimentas de trabalho, como fardas. A integração da sombra, processo de integrar os conteúdos não desenvolvidos, reprimidos, que não tiveram força suficiente para chegar à consciência ou que não se desenvolveram por fatores externos (SILVEIRA, 1981), logo, aspectos não conhecidos pelo ego. Tais conteúdos são necessários à consciência; o ego deve, portanto, renunciar seu orgulho para conseguir viver esse outro lado de potencialidades, que podem parecer ruins, mas que não necessariamente são. A sombra manifesta-se em sonhos, geralmente como uma pessoa do mesmo sexo do sonhador e com um aspecto realmente sombrio (VON FRANZ, 2008).

Há também o movimento de confronto com anima e animus. Para a visão clássica da Psicologia Analítica, animus é um elemento presente no inconsciente das mulheres e anima é um elemento presente no inconsciente dos homens. Esta é definida como

[...] a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem os humores e sentimentos instáveis, as intuições proféticas, a receptividade ao irracional a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza, (...) o relacionamento com o inconsciente. (VON FRANZ, 2008, p.177).

Assim, o animus é o complemento da anima. Os dois elementos formam-se a partir das experiências que todas as mulheres viveram com homens e vice-versa.

As personificações de tais elementos sofrem influência do pai da mulher em questão (no caso do animus) e da mãe do homem em questão (no caso da anima). Von Franz (2008) apresenta quatro estágios do desenvolvimento da anima: o primeiro é o relacionamento instintivo e biológico, o segundo é o nível romântico, estético, com elementos sexuais, o terceiro é uma figura que “[...] eleva o amor (Eros) à grandeza da devoção espiritual” (VON FRANZ, 2008, p. 185) e, por fim, o estágio da sabedoria que transcende. No caso do animus, os estágios são: personificação da força física, em seguida, personifica-se uma iniciativa e capacidade de planejamento, em terceiro, a personificação mais ligada ao *verbo* e, por fim, a ligada ao pensamento. As duas últimas fases são as mais difíceis de alcançar, pois é a fase em que tal elemento apresenta sua grande função, de mediador entre ego e Self.

Após tais integrações, surgem expressões do Self, núcleo e totalidade da psique, o qual não está em nossa dimensão de espaço-tempo, contudo, é onipresente. Pode-se personificar de diversas formas, seja por sacerdotisas, velhos sábios, ou até mesmo, figuras não humanas, mas sempre são figuras grandiosas. O Self também tem o padrão de se expressar pela quaternidade, seja quatro divisões ou números divisíveis por quatro, como expresso em mandalas. Sendo a totalidade e, concomitantemente, o centro da psique, o Self é a fonte de energia que procura organizar e mobilizar a psique em prol de uma finalidade (VON FRANZ, 2008). Para se aproximar da totalidade psíquica, é necessário que haja uma unificação dos opostos, sendo que só há integração quando o

duplo aspecto do conteúdo passa a ser consciente e quando ele tiver sido apreendido no plano intelectual e em correspondência com seu valor afetivo (JUNG, 1982).

3.2 Puer-Senex

O arquétipo do puer, ou arquétipo da criança, pode ser circunscrito no seu sentido funcional. Jung (2002) aponta o caráter compensatório do arquétipo, no sentido de corrigir unilateralidades. Há também o caráter de futuro, a criança enquanto um potencial de futuro aponta para os desenvolvimentos que irão ocorrer. Nesse sentido, durante o processo de individuação o motivo da criança é frequente e aparece como símbolo de unificação dos opostos. Seus símbolos podem ser sob a forma de unidade, no sentido individual, o que rememora a ideia de síntese da personalidade ou com características plurais, coletivas, como por exemplo, anões e homúnculos, o que pode indicar ou uma dissociação ou uma síntese da personalidade incompleta. Destaca-se que o motivo da criança não é uma cópia da criança empírica, nem a causa do motivo da criança.

A criança também pode ter o aspecto de divindade, em que é sobrenatural ou de herói, em que apesar de não ser sobrenatural, seus feitos estão no limite do sobrenatural. Nessas duas representações tem o nascimento milagroso e as dificuldades da infância, permeada por abandono, como características comuns. O abandono, por exemplo, será uma condição necessária na medida em que a criança não poderá se tornar algo sem se desligar de suas raízes. Tais dificuldades representam o árduo caminho em atingir a totalidade psíquica. Há assim um paradoxo entre os feitos maravilhosos e a impotência da criança frente ao desamparo do impulso de vida que o obriga a crescer (JUNG, 2002).

Jung (2002) fala sobre o Senex enquanto Velho Sábio, ele aparece nos sonhos como “(...) mago, médico, sacerdote, professor, catedrático, avô ou como qualquer pessoa que possuía autoridade.” (p. 213), pode também aparecer como animal, o que indica que esses conteúdos e funções estão ainda em um plano além da consciência. O arquétipo sempre aparece em situações nas quais é necessário intuição, conselhos e tomadas de decisões que não podem ser feitas pela pessoa sonhando. Na jornada do herói o Velho Sábio aparece quando o herói está em uma situação complexa e sem saída, o velho vem então como uma função espiritual, levando o herói a refletir, ele traz os conhecimentos

necessários para tal. Ele não apenas promove essa reflexão, como também representa as forças morais, como o altruísmo e solicitude.

Ele acaba por unificar a personalidade até que o indivíduo, o herói por exemplo, alcance a possibilidade de sucesso, isso ocorre pois neutraliza reações emocionais, diferenciação o quem, onde, como e para que da situação e da meta a que se pretende chegar. Por vezes a manifestação do Velho Sábio é de um ser minúsculo, porém tem grande força. Seu caráter negativo também pode ser expresso nessa imagem, pois essa diminuição é limitante. Há também seu aspecto mau, usando o exemplo do xamã, ele ao mesmo tempo cura e prepara venenos, ou feiticeiros que praticam o mal pelo mal (JUNG, 2002).

Em relação ao Senex, Hillman (2008) utiliza da imagem de Cronos-Saturno para descrever o arquétipo, considera como característica importante sua dualidade e ambivalência, assim, ao mesmo tempo em que é deus da fertilidade em relação à agricultura, a safra significa retenção, avareza e ganância. É também relacionado a frieza e a perpetuação no tempo. Há uma relação com a falta de filhos, comer os filhos como o que tem vida, o que é novo, será comida para o senex, mas não há possibilidades de mudanças. O senex está em qualquer complexo, está no começo como um potencial de ordem, logo, de formação do ego e finalidade, a morte não apenas biológica. A unilateralidade promove que o complexo seja incapaz de compreender e tire sua energia de outros complexos. Pode representar um princípio de certeza, a autoridade do ego dependerá da relação com o arquétipo do senex. Tais aspectos negativos do senex irão depender da relação com o puer, sendo assim, o senex negativo é o senex separado do puer.

Já sobre o puer, Hillman (2008) afirma que é um arquétipo que tende a unificar tudo num só:

o Herói, a Criança Divina, as figuras de Eros, o Filho do Rei, do Filho da Grande Mãe, o Psicopompo, Mercúrio-Hermes, Trickster e o Messias. Nele vemos um leque mercurial dessas “personalidades”: narcisista, inspirado, efeminado, fálico, inquisitivo, inventivo, pensativo, passivo, feroso e caprichoso (p. 37)

O arquétipo personifica aspectos espirituais do Self, essa conexão direta com o espírito cria uma velocidade importante ao arquétipo, nesse sentido, o puer não espera e não tem paciência, não compreende o que pode ter por meio do trabalho. Ele tem um enlace com o arquétipo da Grande Mãe, o impulso do puer é reforçado por isso, o exagero disso são as neuroses. Ainda na questão do tempo, essa pressa e velocidade faz com que não exista desenvolvimento, pois o desenvolvimento seria uma restrição de possibilidade, diferente do senex que através do tempo ganha perfeição, o puer já é perfeito. Essa perfeição que leva ao isolamento, pois não há necessidade de relacionamentos. É o arquétipo menos psicológico no sentido de ser oposto a psique, pois tem intuição estética, tudo é bonito e sem relação.

Ele impulsiona o ego por questionamentos e incertezas, se isso é quebrado pelo senex negativo que o traz para o mundo temporal, perde-se a conexão com o puer, tornando-se puer negativo. Com a ruptura da ligação com o espírito, perde-se o propósito urgente do puer e começam frustrações, amargura e cinismos, emoções do senex negativo, assim, o puer sofre uma enantiodromia, vai drasticamente de um polo para o polo oposto, por isso, Hillman (2008) assume que a única diferença entre puer negativo e senex negativo é a idade biológica. O cume desse processo será a metade da vida biológica, bem como qualquer função psicológica que envelhece e não muda. Ainda sobre a questão da temporalidade Bernardi (2010) faz o apontamento importante de que só existe renovação e começo diante do envelhecimento e do fim, sendo o oposto também verdade, os dois fatos simultaneamente.

Ainda sobre o puer, Marie-Louise Von Franz (2021) teoriza sobre o *puer aeternus*. Usado para indicar jovens com complexo materno incomum, geralmente homens que se identificam com o arquétipo continuam com características comuns da adolescência nas fases posteriores à adolescência e na maioria das vezes tem forte laço de dependência da mãe. Dessa relação atípica com a mãe pode surgir o Don Juanismo, no qual o homem procura em suas parceiras a imagem da mãe, para ele tida como uma mulher perfeita, ao se relacionar com mulheres e se decepcionar por não encontrar tal imagem, o homem deixa a mulher e sai a procura de outra.

Assim, seu aspecto negativo está muito relacionado com a impaciência e pode também existir outra faceta, em que há indisciplina e falta de atenção, parece que a pessoa

está distante do mundo externo, contudo seu mundo interior é fantasioso e rico. Já os aspectos positivos estão relacionados à uma espiritualidade provinda do contato relativamente próximo ao inconsciente coletivo, geralmente são agradáveis de conversar, com assuntos interessantes e uma procura por situações não convencionais, além de perguntas diretas e respostas em direção à verdade. O trabalho é o meio para a quebra desse tipo de funcionamento (VON FRANZ, 2021).

Bernardi (2010) teoriza sobre duas possibilidades para a expressão do puer e duas para expressão do senex. Primeiro o puer como irresponsabilidade, relacionado a inexperiência e impaciência, assim há uma relação direta com o tempo e a dificuldade em lidar com ele. Não se trata de um julgamento de valor, pois a irresponsabilidade enquanto resposta rápida pode ter sua importância a depender da situação. A outra é puer como entusiasmo, há uma busca do novo, contudo, pode ser uma expressão negativa se riscos não foram considerados e não for desenvolvida uma cautela. Já em relação ao senex, primeiro a expressão do senex enquanto rigidez, no qual a relação com o tempo recente, o novo é de dificuldade, há um apego ao tradicional, rotineiro e conservador, em casos extremos pode levar a paralisação, ainda assim, tal rigidez pode ser importante em situações da perda da dimensão ética. Há então o senex como sabedoria, uma relação de acúmulo de conhecimentos por meio das experiências já vividas, pode existir o lado negativo quando há uma identificação com sabedoria levando à falta de humildade ou um descuido em perceber diferenças naquilo que já é tido como conhecido.

4 AVOSIDADE

O termo avosidade foi primeiro cunhado por Paulina Redler (1986) e definido como a relação intrapsíquica e interpessoal, não ligada a uma idade cronológica, mas a um laço de parentesco entre avós e netos.

No Brasil, em 2020, 91,5% dos avós são idosos (FGV SOCIAL, 2020), assim, destaca-se a correlação direta entre a avosidade e a velhice. Segundo as projeções populacionais do IBGE (2018), em 2021, a população de mulher idosas, entre 60 e mais de 90 anos, será de mais de 17 milhões, enquanto em 2010, a população de mulheres nessa faixa etária era de mais de 11 milhões. Já na projeção de 2060, a população será de mais de 40 milhões. Além disso, tais dados relevam que a população jovem, entre 0 e 19 anos, irá diminuir no decorrer dos anos.

Considerando tais dados, mostra-se relevante estudar a avosidade e compreender melhor as características dessa relação.

4.1 O papel dos avós ao longo da história

Os primeiros estudos sobre os avós datam das décadas de 1930 e 1940, na qual foram feitos por psiquiatras e clínicos que consideravam negativa a influência dos avós sobre os netos. (PIRES, 2010). O período da Segunda Guerra Mundial é marcado por ausência dos pais, divórcios e inserção das mães no mercado de trabalho, assim, os avós passam a ter um papel mais vinculado a educação dos netos, além do conceito de família ser alargado, ou seja, avós, pais e netos moravam juntos na mesma casa, o que é favorável para as relações entre avós e netos. (HENTING, 1946 *apud* FERNANDES, 2017). Já em 1960 houve aumento no número de casamentos e taxa de natalidade, assim a família nuclear passa a ser somente pais e filhos na mesma casa, os avós não são mais tão centrais (ANTÓNIO, 2010 *apud* FERNANDES, 2017). Também é nessa época que os avós passam a ter uma imagem mais positiva, não são mais vistos de modo tão estereotipados como velhos e frágeis (PIRES, 2010).

Já nos anos 1970 houve aumento de divórcios, famílias com apenas uma figura paterna e gravidez na adolescência, e diminuição da proximidade geográfica entre avós e netos. Destacam-se preocupações sobre a percepção que os netos têm dos avós e a interação entre eles, sendo os avós considerados como ajudantes na educação dos netos,

uma vez que são uma conexão com o passado. Na década seguinte, há um aumento no número de idosos e aponta-se a necessidade de estudos sobre a velhice e a relação entre avós e netos, a maioria das pesquisas da época davam enfoque nas fases iniciais do desenvolvimento e nas relações parentais. Tais estudos dos temas da avosidade aumentam e existem duas percepções sobre os avós: alguns são egocêntricos, não se preocupando com os netos, enquanto outros tinham uma relação de companheirismo com os netos. Os anos 1990 os estudos sofrem as influências da mudança de núcleos familiares maiores e maior convivência entre as gerações e há um maior aumento nessa área de pesquisa (FERNANDES, 2017).

Atualmente, faz-se necessário pensar em mudanças e novos desafios do papel dos avós no contexto da pandemia do Covid-19 e após o fim da pandemia. Fonseca e Andrade (2020) levantam duas possibilidades de cenários sobre as relações entre avós e netos durante o isolamento social. A primeira de distanciamento entre avós e netos, tal situação ocorre como precaução, uma vez que os idosos fazem parte do grupo de risco, o grupo em que a doença afeta mais gravemente. Os avós relatam o momento difícil e a saudades dos netos. Já o segundo cenário é o das avós que cuidam dos netos porque pais e mães não foram afastados de seus trabalhos e as escolas e creches estão fechadas. Ainda que não tenha sido recomendado que os netos ficassem com avós durante os tempos de pandemia, isso não condiz com boa parte da realidade brasileira, em que os pais sem alternativas, precisam deixar seus filhos com os avós. Alguns até mesmo deixaram o filho na casa dos avós e só o buscavam aos finais de semana. Outro adicional da relação entre avós e netos, é a possibilidade de as avós ficarem responsáveis também pelo auxílio em tarefas escolares de modo remoto, o que pode ter sido um desafio tanto pelo pouco conhecimento tecnológico, quanto pela baixa escolaridade.

4.2 Características da avosidade

A relação entre avós e netos é plural e complexa, com diversos fatores que podem influenciar, tais como:

[...] a estrutura psíquica dos avós, a história familiar, o tipo de relacionamento com os filhos; a idade, o gênero e a saúde dos avós, o meio social e cultural em que vivem; a distância a que

vivem dos netos e filhos; o sentimento de competência para lidar com as mudanças socioculturais e com as novas exigências colocadas por filhos e netos. (RAMOS, 2017 p. 235)

Dentre as funções que os avós assumem, pode-se citar a continuidade dos laços e pertencimento, transmissão de conhecimentos, cuidados e afetos com o neto, transmissão de tradições e valores familiares, educativos e culturais. Os avós podem então assumir diversos papéis, o lúdico, em que os avós brincam com os netos e há um prazer mútuo em atividades informais; o formal, no qual os papéis são bem definidos e os comportamentos são convergentes com a representação do papel de avós; o autoritário, em que o avô dá ordens tanto aos pais quanto aos netos; o distante, em que há pouco contato com os avós, geralmente apenas em datas comemorativas; e o substitutivo, em que os avós tomam dos pais o papel de responsável e cuidador, geralmente, na ausência ou incapacidade deles (NEUGERTEN; WEINSTEIN, 1964 *apud* RAMOS, 2017).

Outra diferença no papel assumido é em relação ao gênero dos avós. Geralmente, as mulheres têm maior participação emocional, em atividades de maternagem, socialização, práticas domésticas e educativas e no cuidado da saúde dos netos. Enquanto os avôs destacam-se pelas brincadeiras e lazer, envolvendo-se mais em questões de estudos, trabalho e futuro dos netos (RAMOS, 2017; LUÍS, 2016).

Sobre a transmissão de conhecimentos, destaca-se a classificação feita por Vitale (VITALE, 2000 *apud* RAMOS, 2017), em que os mais velhos transmitem legados de ordem, ou seja, questões sobre responsabilidade, organização, costumes e educação; legados de solidariedade, ou seja, de sentimentos e valores, tais como amor, senso de justiça e respeito; e legados de fé, ou seja, questões sobre fé e religiosidade. Sobre a transmissão de saberes entre gerações, pode-se citar a transmissão de saberes das velhas gerações para as novas, em que a função é a transmissão de conhecimentos, bem como a transmissão das novas gerações para as mais velhas, em que novas tecnologias podem ser aprendidas, portanto, há a coexistência entre os saberes dos mais velhos e dos mais novos (DUMAZEDIER, 2002 *apud* RAMOS, 2017).

Em pesquisa, Paula *et al.* (2011) buscou compreender as relações entre avós e netos ao longo do século XXI, comparando ainda com as relações dos atuais avós com

seus netos e com seus próprios avós. Criou, então, três ideias centrais sobre a relação dos atuais idosos com seus avós. A primeira seria “Bom relacionamento com seus avós”, em que os avós são referidos com afeto. A segunda, “Relação de autoridade e respeito”, em que não há uma coerção física, mas um respeito pela autoridade dos avós na família. A terceira, “Quando os avós interferem na criação dos netos”, em que é relatada a participação dos avós na criação dos netos, especialmente por morarem próximos, e intervenções em eventuais punições dos pais.

Quanto à atual relação dos avós com seus netos, foram também apontadas três ideias centrais, mediante questionamentos dirigidos aos avós: “Respeito, autoridade e obediência”, em que os netos respeitam os avós, mas não têm medo, o que indica que os avós não têm a capacidade de mandar nos netos; “Qualidade da relação”, em que aparecem relatos muito afetuosos vindo das avós e, em alguns casos, a saudades dos netos; e, por fim, “Não existência de autoridade e obediência”, em que os avós relatam não terem autoridade como nos tempos passados (PAULA *et al.*, 2011).

Então foi questionado quais as diferenças percebidas entre suas vivências com seus avós e as deles com seus netos. As ideias principais foram: “Mudança de realidade”, dado que os avós percebem mudanças nas relações familiares entre avós e netos e pais e filhos, sendo que alguns consideram decorrer de mudanças do contexto mundial; “Autoridade e violência”, em que há um relato dos netos não respeitarem as opiniões e ordens dos avós e, até mesmo, dos pais; “Liberdade”, em que os avós relatam que as crianças atualmente têm muita liberdade e isso possibilita a desobediência já citada (PAULA *et al.*, 2011).

Dutra (2008) também aponta a relação das avós com suas próprias avós, como fator importante para o ser avós delas, ainda que algumas avós não tenham conhecido suas próprias avós, muitas projetam em seus netos as imagens que têm de suas avós, afirmando que gostariam de ser avós como as que tiveram. Destacam-se algumas diferenças nessas relações, como na pesquisa de Paula *et al.* (2011), as avós de hoje, apontam que respeitavam mais suas avós antigamente, em comparação à relação com seus netos, mas suas próprias avós não brincavam com elas e eram mais rigorosas. Elas reconhecem que seu papel é importante na vida dos netos e podem também ajudar os pais com tarefas do dia a dia, ajuda financeira, conselhos ou na valorização e favorecimento

da parentalidade dos pais do neto, por exemplo, ajudam mais por saber que assim os pais terão mais tempo com os filhos.

No papel de avó as avós destacam o amor incondicional, o vínculo, o mimar e o apoio aos netos. A transmissão geracional é entendida por elas como um meio de ensinar, educar e comunicar. Quanto a relação das avós em seu papel, destacam-se aspectos individuais quanto aos sentimentos pelos netos, sendo frequente o discurso de avó segunda mãe e a similaridade entre os papéis. Sentimentos positivos são os mais presentes, como felicidade, realização, doação. No discurso das avós também há a noção de continuidade, no sentido de as avós marcarem os netos a fim deles terem boas recordações e a questão involuntária, uma vez que não é uma escolha ser avó ou não, ocorrem comparações com a parentalidade que exerceram com os filhos em relação a avosidade que exercem com os netos, sendo por vezes mais pacientes e atenciosos com os netos do que eram com os filhos quando pequenos. Outro aspecto importante é o ciclo de vida da avó no atual momento de sua vida, seja perdas, solidões, a velhice, doenças, faz com que se confrontem com vários sentimentos (DUTRA, 2008).

Quando questionadas sobre os atributos das avós enfatizam-se paciência, meiguice, bondade, disponibilidade, flexibilidade, responsabilidade, proteção, preocupação e um cuidado em não se intrometerem na vida dos filhos. As avós afirmaram que as fontes de estresse decorrentes do cuidado na avosidade são responsabilidade, medo, preocupação, agitação e limitação, com destaque em discursos permeados por preocupações com a saúde, bem-estar e cuidado com netos. Por fim, a dissertação também conclui que as avós cuidadoras contribuem positivamente para a promoção de estilo de vida saudáveis junto aos seus netos, como na alimentação em que há uma preocupação com a qualidade e diversidade (DUTRA, 2008).

4.2.1 Fatores que influenciam a avosidade

Azambuja, Rabinovich e Ramos (2018), apontam que o motivo que leva as avós brasileiras, portuguesas e são-timonenses a cuidarem dos netos é a co-residência, em seguida o trabalho dos pais e em último o apego aos netos. Por vezes, esses cuidados ocorrem dado a gravidez das filhas na adolescência, assim a avó passa a ser também responsável pelo cuidado com os netos, ou filha continua morando com a mãe, passando

a existir a co-residência das avós e netos. O tempo empregado em cuidado pode ser integral ou sistemático. No estudo, todas as avós que residem na mesma casa que os netos, executam um cuidado de tempo integral. As avós de tempo integral têm os netos como companhias constantes, enquanto as avós de tempo sistemático, elaboram rotinas e atividade previamente. As atividades incluem a necessidades básicas das crianças, mas também idas aos médicos, reuniões da escola, atividades extraescolares e brincadeiras, passeio e entretenimento com os netos. Há ainda nesse cuidado, uma relação de reciprocidade, muitas avós relatam que os netos cuidam ou ajudam a cuidar das avós quando, por exemplo, elas ficam doentes.

Quanto a coeducação nas relações de avosidade, a pesquisa aponta que metade das participantes dizem aprender com os netos sobre informática e o uso do celular, enquanto as demais falam sobre o aprender a partir do caráter questionador, alegre, tolerante e lúdico. Já na relação inversa, as avós afirmam transmitir costumes, hábitos, valores morais e valores espirituais, ou seja, os valores de suas próprias religiões (AZAMBUJA; RABINOVICH; RAMOS, 2018).

Algumas diferenças de cada contexto familiar são importantes fatores de influência nas relações entre avós e netos, como netos com deficiência. Matsukura e Yamashiro (2012), apontam que as avós de netos com deficiência geralmente sentem mais preocupações com os netos sem deficiência, em especial como eles se sentem nesse papel de irmão. Além disso, as avós assumem mais responsabilidades para além do ser avó, uma vez que os pais são sobrecarregados com os cuidados extras que o filho com deficiência demanda. Quanto a relação com os netos com deficiência, as avós apontam que tem uma relação de afeto, como a relação com os netos com desenvolvimento típico, no qual brincam e dão carinho, mas evidenciam o aprendizado adquirido frente as dificuldades enfrentadas dado os impactos e mudanças que o neto com deficiência traz, além de fazerem atividades específicas por conta da deficiência, como ensinar a engatinhar e andar.

Sobre a ajuda que as avós oferecem aos pais e a família de modo geral, destaca-se o suporte emocional e instrumental, apesar de pôr vezes a ajuda da avó não diminuir o estresse da mãe, ou até mesmo ser uma outra fonte de estresse, por exemplo, avós que já são mais velhas ou que discordam dos modos de cuidados e educação da mãe. Ainda

sobre a ajuda, as avós relatam muitas vezes deixam seus interesses de lado para ajudar a família, contudo, a maioria não sente que seus cuidados são suficientes e gostariam de auxiliar mais, mas não o fazem por conta das limitações financeiras ou questões de saúde relacionadas à idade (MATSUKURA; YAMASHIRO, 2012).

Há uma diferença na relação avós e avôs e maternos ou paternos. António (2010) aponta que avós maternas e avôs maternos, mesmo que recebam pouco tempo de seus netos, recebem mais que as avós e avôs paternos, sendo a avó materna a quem mais concedem tempo e consideram a relação mais afetuosa. A relação menos afetuosa é com o avô paterno e essa relação também é considerada a mais respeitosa. A frequência de visitas aos avós maternos também é maior, sendo mais presente no cotidiano, uma vez que eles geralmente residem mais perto dos netos, enquanto com os avós paternos os encontros ocorrem mais durante as férias dos netos. Sobre os netos procurarem os avós, a maioria diz que procura mais os avós maternos e o motivo que mais o leva a procurar é para “pedir conselhos”, sendo que a avó materna é a mais procurada por essa motivação. Dentro dos motivos do não procurar os avós destaca-se a perda de contato no caso dos avós maternos e o desinteresse no caso dos avós paternos.

Quanto a fatores que mudam a estrutura e relação familiar, destaca-se o divórcio dos pais. Após a separação, há um aumento significativo do apoio emocional que as avós fornecem aos netos, em especial as atividades de dar conselhos, transmitir informações sobre a família e telefonar. As atividades de apoio instrumental, como ajudar a cuidar dos netos quanto doentes, preparar refeições, levar ao médico e ajudar nas tarefas escolares, tiveram aumento após o divórcio, contudo, não são estatisticamente significativas. Algumas variáveis foram indicadas para avaliar a relação entre avós e netos antes e depois da separação, primeiro o estado civil dos avós, avós casados aumentaram as atividades de apoio emocional, enquanto não houve diferenças significativas nos avós não casados, isso pode ser devido à uma procura das avós não casadas em canalizar seu tempo e energia em atividades menos vinculadas a aspectos de responsabilidade. Em segundo, a situação empregatícia dos avós, avós que estavam trabalhando aumentaram as ligações telefônicas com os netos após o divórcio, enquanto os avó que não estavam trabalhando, aumentaram a atividade de dar conselhos e transmitir informações, sendo que as suas visitas

diminuíram, possivelmente o aumento das ligações para avós que trabalham está relacionado à falta de tempo e a praticidade dos telefonemas (ARAÚJO; DIAS, 2002).

Em terceiro, a idade dos avós, avós com mais de 65 anos diminuíram suas visitas aos netos após a separação, sendo possível que os avós mais novos se sintam mais dispostos em ajudar emocionalmente os netos e tenham menos problemas de saúde em comparação aos avós mais velhos. Em quarto a distância geográfica entre avós e netos, avós que moravam a menos de 30 minutos dos netos deram mais apoio do que os que moravam a mais de 30 minutos, sendo suas atividades mais valorizadas a de dar conselhos, telefonar e transmitir informações sobre a família, sendo assim avós que moram mais perto, desenvolvem mais atividades e em especial atividades de apoio emocional (ARAÚJO; DIAS, 2002).

Em quinto, a custódia do neto, quando é o filho que tem a custódia há um aumento em dar conselhos e transmitir informações sobre a família, enquanto na custódia do ex genro/nora a única atividade que teve aumento significativo foi de telefonar aos netos, sendo que houve diminuição significativa das visitas dos avós aos netos, em especial a diminuição das visitas dos avós paternos que foi estatisticamente significativa, enquanto as dos avós maternos não. Contudo, destaca-se que provavelmente a diminuição das visitas dos avós quando o neto está sob custódia do filho, seja por conta do aumento no número de visitas em que os pais levam os filhos à casa dos avós e não os avós vão visitar os netos na casa de seus filhos, sendo a maioria das vezes a mãe que tem a custódia e leva seus filhos à casa de seus pais, aproximando assim os avós maternos, mais do que os paternos. Já a diminuição das visitas quando o neto está sob custódia do ex genro/nora pode estar relacionada a conflitos familiares não resolvidos (ARAÚJO; DIAS, 2002).

Destaca-se a importância da relação com as noras, Minuchin e Fishman (1990 *apud* SOZO; DENTI; BAUMKARTEN, 2012) apontam que se as fronteiras familiares estiverem delimitadas, a sogra como poder vista como segunda mãe que ajuda a criar os netos e dá conselhos, sendo que a nora pode ser vista como uma filha. Sozo, Denti e Baumgarten (2012) também aponta que tanto para as sogras, quanto para as noras, a relação entre as duas muda após o nascimento dos netos, sendo geralmente uma mudança para melhor. Dias (1994 *apud* CHIAPIN; ARAÚJO; BAUMKARTEN, 1998) afirma que

a relação mãe-filho não permite a mesma liberdade que a relação mãe-filha para avós se intrometerem na educação do netos.

A distância geográfica é mais um fator importante nas relações entre avós e netos. Avós que moram na mesma cidade dos netos tem a tendência a verem mais os netos, além de existir a forte probabilidade de os avós serem cuidadores, em especial em famílias de pais divorciados. Os avós que habitam outra cidade, geralmente recebem as visitas dos netos nas férias, contudo, essas visitas tendem a durar mais tempo, como um mês, o que torna seu tempo qualitativamente importante. Por vezes, os netos podem se sentir mais próximos afetivamente dos avós que moram em cidades diferentes. Além disso, um recurso muito utilizado pelos avós é o contato mediado por computador ou telefone, assim, os netos ficam informados sobre seus avós e o contexto deles (RAMOS, 2014).

Geralmente o primeiro contato dos avós com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) ocorre por netos ou outros familiares que se encontram distantes geograficamente (LUÍS, 2016), ou por conta do trabalho, sendo esse o caso mais recorrente com os avôs. Ainda assim, são os netos quem geralmente ensinam os avós e os incentivam a utilizarem. Das motivações dos avós para o uso das TICs destacam-se: os vínculos familiares, em especial com os netos, a comunicação é diária e os familiares têm uma convivência mais próxima; a distração e entretenimento, como um meio de sair da rotina; a praticidade no dia a dia, como marcar consultas pela internet; e a cultura e conhecimento que adquirem pelo acesso à internet. Os avós descrevem a rapidez do contato pela internet em comparação com o de ligações telefônicas, em que por vezes alguém não atendia o telefone e ocorriam desencontros, situação que não acontece com o uso de redes na internet (TORRES, 2019). Os avós geralmente fazem uso de celulares, telefones e computadores nesse tipo de comunicação, a maioria afirma utilizar mais o *Facebook*, mas também utilizam *Skype*, *Whatsapp* e email. O *Skype* é apontado como um método menos monetariamente custoso e por vezes o telefone só é utilizado para confirmar a disponibilidade de fazer uma videochamada por *Skype* (LUÍS, 2016).

Relatam que os laços ficam mais fortes com o contato pelas redes, em alguns casos, o relacionamento com os netos que moram geograficamente mais longe é melhor e mais próximo por conta do contato via tecnologia, do que os netos que moram

geograficamente perto. Apesar de terem melhorado a comunicação no dia a dia e experienciarem sentimentos positivos como pertencimento e participação da vida dos netos e alegria, os avós contam que sentem falta do contato físico (TORRES, 2019). Netos jovens, maiores de 18 anos, relatam seu papel ativo no incentivo e ensino do uso das TIC para os avós, corroboram com as falas dos avós e acreditam que a comunicação pela internet diminui distâncias geográficas, bem como aproxima dos avós do cotidiano dos netos, mesmo aqueles geograficamente próximos, permitindo o fortalecimento dos vínculos (TORRES, 2019).

A relação das avós com seus netos geralmente se inicia enquanto eles são recém-nascidos, elas são importantes figuras de segurança e apoio para os pais, em especial a mãe, suas primeiras visitas geralmente estão relacionadas à insegurança da mãe frente aos cuidados com o bebê, tendo a avó o papel auxiliar no cuidado do neto e na superação das inseguranças da mãe. Já nas últimas visitas, as avós geralmente são solicitadas a ficarem com os netos na ausência da mãe que foi trabalhar. As tarefas de cuidado que as avós mais desempenham com o bebê recém-nascido é o banho, sendo a com menor frequência as idas ao médico. Também destaca-se o apoio financeiro indireto das avós, uma vez que por estarem cuidados dos netos, os pais não precisam contratar cuidadoras (MARQUES et al., 2011).

Já do ponto de vista do exercício da avosidade, quando o neto é criança, Oliveira, Vianna e Cárdenas (2010) para avaliar a relação entre avós e netos crianças, considerando a percepção dos dois grupos, criaram três categorias de respostas das avós. A primeira chamada Visão Atual das Avós reuniu a percepção de que por vezes as avós assumem a responsabilidade de criar os netos pois os pais, por algum motivo, não conseguem criá-los; a segunda classe sobre a relação entre avós e netos, apreendeu que as avós ficam felizes em ver televisão ou brincar com seus netos e as têm condições, gostam de os ajudar nas tarefas da escola; a terceira classe é sobre a visão das idosas sobre a velhice, as participantes relataram que é preciso existir respeito aos idosos que passaram anos de sua vida acumulando experiências e construindo sua história.

A partir da percepção dos netos, foram feitas outras três categorias: benefícios, sentimentos e significados. Na primeira, destaca-se o afeto da avó e a diversão, seja brincando com a avó, ficando em sua companhia ou fazendo alguma atividade relacionada

ao poder de compra. Na categoria dos sentimentos, destaca-se o orgulho: os sentimentos positivos em relação à avó e a diferença: as diferentes relações entre avós e netos, por existem sentimentos de inferioridade do neto em comparação aos demais netos, por conta de um tratamento diferente da avó e ainda a diferença entre a avó materna e paterna. Na terceira categoria, significados da velhice, os netos ou destacam desconhecido, em que não conseguem expressar as características da velhice, mas sentem medo sobre esse desconhecido ou a previsibilidade, em que sugerem já saber como será a velhice e não terem medo desse período (OLIVEIRA; VIANNA; CÁRDENAS, 2010).

Assim, a pesquisa concluiu que de modo geral as avós estão satisfeitas com os netos e gostam de os apoiar, proteger e ensinar. Destacam-se alguns resultados semelhantes aos da bibliografia sobre a relação entre avós e netos, como a diferença entre avós maternas e paternas, sendo as maternas geralmente mais próximas à família, logo aos netos, por conta da confiança que a mãe sente por elas; e o afeto das avós com os netos. O que diverge da bibliografia é o distanciamento dos netos entre as avós à medida que os netos ganham mais autonomia, as avós entrevistadas levavam seus netos à escola, mesmo os netos tendo entre 9 e 12 anos. Na percepção dos netos, destaca-se a visão da velhice permeada por mitos e preconceitos, ainda que ela não seja a única e o afeto que os netos sentem pelas avós, o que demonstra a importância delas nessa fase da vida (OLIVEIRA; VIANNA; CÁRDENAS, 2010).

Na relação entre avós e netos adolescentes, há uma tendência a homogeneização dos avós na fase da adolescência, com uma conotação positiva. Em pesquisa com adolescentes (FERREIRA, 2011), 50% afirmaram ter uma preferência entre os seus avós, sendo a maioria a avó materna, seguida do avô materno, depois avós maternos e então avó paterna e por último avô paterno. Os motivos da preferência que os netos mais citaram foi de maior convivência e o avô ou avó ter sido responsável pela sua criação/educação. Há uma possibilidade dessa relação se dar por conta de as mulheres manterem maior contato com seus pais do que os homens. Das atividades compartilhadas entre netos e avós, as de cunho lúdico foram as mais citadas, como passear, ainda aparecem atividade de socialização como conversar e somente netas mencionaram atividades de algo modo domésticas, como cozinhar, arranjar o jardim ou fazer compras, o que pode sugerir um reforço das avós sobre as atividades tradicionalmente atribuídas à cada gênero.

Outro ponto relevante na relação específica com os netos adolescentes é a mudança de percepção que eles possuem sobre seus avós ao longo do crescimento, a maioria afirma perceber essas mudanças e valorizar mais os avós agora. Também mudaram as atividades, como o aumento no número de conversas. A partir dessa prática, houve maior compreensão, tolerância, respeito e admiração, sendo que antes aos avós eram atribuídos papéis instrumentais, como dar dinheiro, enquanto atualmente há um papel mais caloroso e amigável. Dos adolescentes que afirmaram manter contato pouco frequente com os avós, a maioria aponta a distância geográfica como motivo, outro motivo apontado foi a mediação entre os pais, alguns pais não levam os filhos com tanta frequência para ver os avós e outros pais não possuem uma boa relação com os avós dos filhos (FERREIRA, 2011).

Ainda sobre as relações entre avós e netos adolescentes, Oliveira e Karnikowski (2012) em revisão bibliográfica, destacam o apoio financeiro por parte das avós. Concluiu-se não existir diferença de gênero, tanto netas quanto netos recebiam apoio financeiro dos avós de forma igual, nem diferenças significativas entre o apoio financeiro antes e depois do divórcio dos pais. Há o apoio financeiro indireto, uma vez que muitas mães saem para trabalhar e avós ficam com os netos, poupando a contratação de uma babá ou auxiliar doméstica. Por fim, destaca-se a diferença de gênero dos avós no apoio financeiro, sendo as avós as mais envolvidas com esse tipo de suporte, ainda que os netos valorizem os avós de forma igualitária.

Quanto as relações entre avós e netos durante a juventude, Dias e Silva (2003) em pesquisa com jovens universitários, destaca que a maioria das jovens mulheres diz que o significado dos avós para os netos era de respeito, enquanto para os homens era de sabedoria e experiência de vida, pode-se supor que a relação entre avós e netos é mais marcada pelo prazer e brincadeiras na infância, levando a mudanças com o crescer dos netos. Sobre a influência dos avós na vida dos netos, a principal apontada foi do tipo emocional, influenciando na formação de caráter e apoiando em momentos difíceis, além de serem um exemplo de fidelidade e amor no casamento. Isso exemplifica a importância dos avós como os principais agentes socializadores depois dos pais, além de serem figuras importantes em momentos de crise, sendo as atividades que mais fazem juntos conversar, segundo as meninas e visitar, segundo os meninos.

Os jovens universitários também foram questionados sobre a mediação dos pais com os avós, a maioria afirmou que sempre foi boa. Quando questionados sobre a preferência de um dos avós, a maioria indicou preferir a avó materna, como o principal motivo sendo a convivência ser ou ter sido maior. Sobre mudanças nos relacionamentos com os avós, a maioria afirmou que perceberam a importância dos avós enquanto cresciam, sendo a infância período de brincadeiras, na adolescência por vezes marcada por afastamentos e atualmente também há um afastamento, mas são relações de mais respeito. Sobre a contribuição dos avós, destaca-se a educação dos avós com seus pais que refletiu na sua própria educação e a ajuda dos avós na criação dos netos, o que demonstra a semelhança entre estilos de criação de pais e filhos e o papel que os avós as vezes assumem, de cuidado temporário ou não com os netos. Por último foram questionados sobre as características de um avô ideal, os homens falaram ter abertura, diálogo ou comunicação, enquanto as mulheres falaram ter amor e carinho.

Tais relações, com netos mais velhos, podem chegar ao momento de vida adulta. Há casos em que os netos passam a ser os cuidadores dos avós, em dissertação Reis (2018) aponta os principais motivos para netas assumirem o cuidado das avós, seja como cuidadoras principais ou secundárias: as limitações/necessidades, ou seja, as netas sabem das limitações físicas, cognitivas ou do isolamento das avós; exigência/limitações familiares, assim, as netas assumem o cuidado mesmo que não sejam solicitadas, pois percebem a falta de um rede familiar coesa e alargada que apoie as avós, ou a necessidade de mais uma pessoa no cuidado; a obrigação de retribuir o cuidado já recebido pela avó e os afetos envolvidos, como gostar da avó, sentir amor, respeito e companheirismo. Sobre como ocorre a relação entre as netas e as avós, destacam-se tanto relações positivas, envolvendo amor, respeito, orgulho e proximidade, como relações ambivalentes, em que há sentimentos de conflito, teimosia e bem-estar. Tais relações não foram constituídas apenas pela atual proximidade com a avó, mas também pelas dinâmicas relacionais prévias, elas são tidas como positivas, de forte ligação afetiva ao longo dos anos, perpassadas pelo compartilhamento de momentos importantes e que são promotores do desenvolvimento pessoal das netas. Há reciprocidade nas relações, as netas percebem atenção, interesse e preocupação de suas avós com seu bem-estar, não apenas algo vindo

delas em relação às avós, ainda que muitas sintam mudanças na dinâmica relacional, devido a inversão de papéis de cuidado.

Tal inversão de papéis decorre de as netas agora assumirem a maior parte do cuidado e do suporte das avós e não o contrário, como acontecia anteriormente. Além disso, há avaliações negativas também envolvidas, pois é necessário lidar com o nível das capacidades funcionais e cognitivas das avós e as perdas dessas capacidades. As netas com o cuidar tem consequências positivas, como a gratificação, amor, carinho, no entanto, o cuidar é acompanhando de sobrecarga física e emocional e a interferências com outros papéis de vida. Vale mencionar ainda, a relação das netas frente a perda futura das avós, a dificuldade em lidar com as perdas cognitivas e projetar um futuro sem avó, relaciona-se com o conceito de ansiedade filial, “um estado de preocupação com declínio e a morte antecipada de familiares idosos, bem como a preocupação de atender às necessidades antecipadas de cuidados” (REIS, 2018, p.74). As netas também relatam perceber o modo como as avós se sentem em relação aos cuidados que recebem, são sentimentos ambivalentes de bem-estar e contentamento, mas também de resistência ou desagrado por serem cuidadas por alguém que um dia já cuidaram.

4.3 Tornar-se avó

O processo do tornar-se avó envolvem expectativas sobre essas mudanças, em dissertação Dutra (2008) aponta que a maior parte das avós tinha o desejo de se tornar avó e o impacto da notícia variou entre satisfação e tristeza pelos pais da criança ainda serem adolescentes ou por se considerarem muito novas para serem avós e ainda não estarem preparadas, mesmo que para muitas avós do estudo fosse esperado a notícia. Foram sentidos diversos, positivos e negativos que perpassaram as experiências do impacto ao tornar-se avó. Entretanto, todas as avós afirmaram ter vivenciado uma evolução no seu papel de avó, seja por se tornarem “mais avós”, por se sentirem mais maduras ou por verem o crescimento dos netos e progredirem junto deles.

As avós de primeira viagem descrevem a sensação de estar com o neto como maravilhosa, uma benção de Deus e de paz, tais afirmações indicam o bem-estar proporcionado pela presença e convívio com os netos. A maioria afirma existir mudanças depois do nascimento do neto, tanto na rotina, como na percepção da vida, tornando-as

mais felizes e completas, por vezes, ocorrem também mudanças na relação com as filhas, passando a existir mais companheirismo e parceria entre as duas. Sobre a sensação de tornar-se avó, destaca-se a sensação de amor, de ser mãe novamente e de recomeço (SILVA, 2019).

Colarusso (1998) descreve esse processo, de tornar-se avó, como parte da quarta individuação. O termo individuação, nesse caso, não é utilizado do mesmo modo que a Psicologia Analítica, mas como um processo de separação do indivíduo até então indiferenciado, para um estado de compreensão sobre si mesmo, tendo adquirido a habilidade de interagir com outros objetos tanto exteriores, como interiores. A primeira e segunda individuação tratam de processos do início da infância e adolescência; a terceira seria entre os 20 e 40 anos; a quarta, entre os 40 e 60 anos; e a quinta, a partir dos 60 anos até o final da vida. Na quarta individuação, é necessário que o indivíduo passe por algumas tarefas, entre elas, a de se tornar um avô. Nesse momento da vida, a pessoa tem de lidar com questões como aposentadoria, doenças, mortes de amigos ou cônjuges, assim, é esperado que, ao se tornar um avô, a atenção do indivíduo volte-se ao seu neto, que passa a representar um futuro de herança e continuidade familiar, o futuro daquele avô. Isso implica em diversas mudanças para o indivíduo, como se redefinir a partir de uma nova geração, alterar sua representação interna de criança e desenvolver uma relação nova com seu neto.

O autor ainda afirma que, nesse processo, os avós podem idealizar seus netos, com muito amor e devoção, o que é similar ao processo da criança de fusão com objetos exteriores, uma vez que está em uma fase de desenvolvimento. No caso da criança, o desenvolvimento consiste na separação da sua relação simbiótica com a mãe e lidar com o vasto mundo exterior e, no caso do avô, é lidar com a morte e o desconhecido acerca da finitude. Tal idealização não é saudável, é ilusória e pode alimentar diversas defesas do avô, como, por meio do narcisismo, atenuar a inevitabilidade da morte; entender esse momento como um modo de reparar sua própria vida por meio da sua perpetuação genética e negar as imperfeições do seu próprio self ao ter algumas identificações com o neto. Contudo, as relações saudáveis podem propiciar um momento para os avós refletirem sobre sua vida e conflitos antigos, sendo que, através da relação com os netos, conseguem reelaborar essas questões (COLARUSSO, 1998).

A partir desse conceito de quarta individuação, Kipper e Lopes (2006), entrevistaram avós maternas de somente um neto ou neta, para compreender tal marco no processo de desenvolvimento. Foram separados quatro eixos principais: a experiência como avó, a experiência como mãe, a experiência como neta e a experiência como filha. Sobre a experiência como avó, a maioria relatou grande alegria ao saber da notícia, que já se imaginavam e já acreditavam estar na idade para serem avós, além de terem mencionado o tornar-se avó como um renascimento que preencheu o vazio da idade. Na experiência como mãe, a maioria afirmou ter revivido e lembrado do seu parto e gestação e, com exceção das mulheres que cuidavam de maridos doentes, todas ajudaram as filhas nos primeiros dias do puerpério. Também relataram serem avós mais doces do que quando mães e que, por disporem de mais tempo na velhice e aposentadoria, brincam com os netos, fato que não acontecia quando elas eram mães, contudo, relatam que os cuidados e amor aos netos é o mesmo de quando eram mães. Algumas afirmam que o relacionamento com a filha melhorou depois da gestação e que notam uma diferença entre as avós maternas e paternas, sendo as maternas mais presentes na vida dos netos.

Quanto à experiência como neta, a maioria afirmou que não conviveu muito com os avós, então não tinham de fato modelos para seguir. As que tiveram contato com os avós, disseram que eles eram mais rígidos e muitas vezes distantes. Algumas mulheres afirmaram que voltaram a ser crianças e que faziam tudo que seus avós não fizeram por elas. Quanto à experiência como filha, as opiniões foram diversas; algumas falaram que após o nascimento de suas filhas, quando seus pais tornaram-se avós, houve aproximação e maior valorização dos pais. Assim, o processo da quarta individuação mostrou-se na revisitação e reavaliação de experiências prévias, tanto de ser neta, como de ser mãe. Tal experiência forneceu a possibilidade de elaboração de questões infantis, quanto às netas que foram e quanto aos desejos que tiveram enquanto mães, como ter mais tempo para brincar com os filhos. O desejo de completude também aparece nos discursos das avós, uma vez que o nascimento dos netos reanimou suas vidas, preenchendo um vazio, mostrando novas possibilidades de realização (KIPPER; LOPES, 2006).

A experiência de reavaliação do papel de mãe que as avós exerceram pode ocorrer também em situações específicas, como a gravidez na adolescência, um fator que pode influenciar na avosidade antes mesmo do neto nascer. Deus e Dias (2020) apontam

a gestação na adolescência como uma situação que pode ser uma experiência transgeracional, assim, quando as filhas ficam grávidas na adolescência, as mães relembram a sua gestação durante esse período da vida e podem inclusive temer que a filha passe pelos mesmos conflitos e situações que a mãe passou. Ainda assim, a repetição de padrões da gravidez na adolescência pode não ocorrer de forma consciente. Muitas avós nessa situação experienciam sentimentos ambivalentes, como pavor e felicidade, ou apenas sentimentos negativos ao descobrirem a notícia, como raiva, tristeza e medo, ou sentimentos positivos como felicidade. A ampla possibilidade de relações pode estar associada a algumas representações de adolescentes grávidas, como por exemplo, relacionar essa situação de gestação como consequência de uma parentalidade falha e a capacidade ou não da filha cuidar de uma criança, relacionando isso com o nível de maturidade.

O tornar-se avó quando a filha é adolescente pode implicar reações diferentes frente a avosidade, a maioria das avós sente que se tornaram avós muito novas, estabelecendo a relação entre ser avó e ser velha, sendo a velhice entendida por elas como um período da vida marcado por perdas e declínio de outras habilidades. Há também representações mais positivas que as avós de filhas adolescentes reconhecem, como a resolver conflitos, formação de novos vínculos afetivos, reavaliação da vida e erros e influenciar os netos positivamente. Algumas avós afirmam que o ser avó é como uma segunda mãe ou ainda melhor que a mãe, pois já tem mais experiência, as avós inclusive relatam sentir como se o neto fosse o próprio filho. Porém não são todas, especialmente por conta da idade em que se tornaram avós, algumas não conseguem se imaginar exercendo esse papel. Também não é consenso sobre a participação das avós no cuidado e educação, algumas afirmam que não irão cuidar dos netos para a filha sair e se divertir, apenas caso tenha que estudar ou trabalhar, ou afirmam não querer ultrapassar o papel das próprias mães, enquanto outras afirmam o oposto, confirmando sua participação na educação dos netos (DEUS; DIAS, 2020)

5 MÉTODO

5.1 Participantes

Os participantes são avós mulheres. A avó A. tem 63 anos, é avô paterno de um menino de 1 ano. A avó B. tem 64 anos, é avó paterna de duas meninas de 5 anos e avó materna de duas meninas de 1 ano. A avó C. tem 53 anos e é avó materna de um menino de 6 anos. A avó D. é avó paterna de um menino de 7 anos.

5.1.1 Tamanho da amostra

Quatro avós mulheres de 64 anos, 63 anos, 53 anos e 60 anos

5.1.2 Seleção da amostra

Foi disponibilizado um formulário informando o objetivo da pesquisa e algumas perguntas para a seleção de participantes, ao final do formulário, o voluntário pode marcar a opção de aceitar fazer uma entrevista sobre o tema da pesquisa.

5.1.3 Critérios de inclusão

Ser avó mulher com uma relação próxima aos netos, responder ao email ou mensagem enviada pela pesquisadora para marcar a entrevista e ter entre 50 e 70 anos.

5.1.4 Critérios de exclusão

Não ser mulher, não ser avó, não ser próxima aos netos e não responder ao email ou mensagem enviada pela pesquisadora para marcar a entrevista e não ter entre 50 e 70 anos.

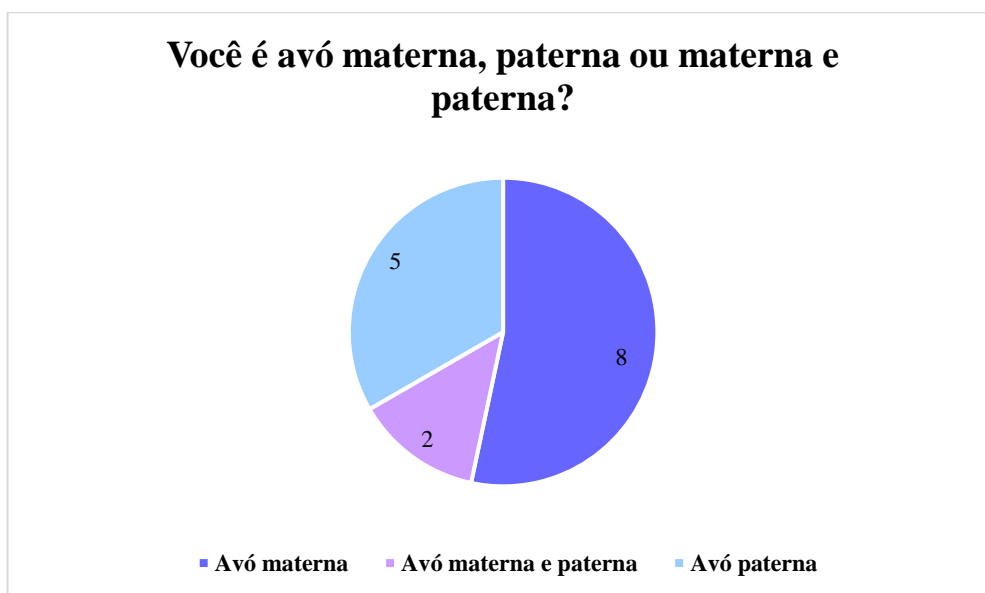
5.2 Instrumentos

O instrumento utilizado foi um questionário online para seleção das pessoas (apêndice A) divulgado nas redes sociais. No Facebook foi divulgado nos grupos “Eu amo ser avó”, “Netos e avós”, “Vovós Maravilhas”, “A VOVÓ SÓ AMA!”, “Idosos”, “IDOSOS DA TERCEIRA IDADE, VIVA BEM” e “Share Your PPK”. Além disso, foi compartilhado no Facebook da pesquisadora, com seus contatos de telefone por WhatsApp e no grupo de WhatsApp “Turma 55 Psico PUC – 2018”. No total obtiveram-se 21 respostas, sendo 5 homens, logo, não houve demais respostas deles, uma vez que o formulário apenas continuava para quem marcasse a opção “Feminino” na pergunta “Gênero”. Totalizando

então 15 mulheres. Dessas 15 mulheres, 13 afirmaram ter disponibilidade e interesse em fazer uma entrevista online sobre o tema.

A idade das voluntárias variava de 82 a 41 anos, sendo que uma das voluntárias não respondeu sua idade no espaço preenchido. A idade com a qual as voluntárias viraram avós variou entre 35 e 62 anos, sendo que sete voluntárias viraram avó nos seus 40 anos, seis nos 50 anos, uma nos 30 e uma nos 60. A maioria das avós afirmaram ter netos crianças, sendo essas onze avós, enquanto duas tem netos adolescentes e adultos e apenas uma afirmou ter netos crianças, adolescentes e adultos. Sobre a quantidade de netos, oito avós afirmaram ter apenas um, as demais são avós de 2, 4, 7, 8 ou 10 netos, sendo que uma das voluntárias não preencheu corretamente esse dado. Para medir a proximidade com os netos, as avós deveriam marcar a opção mais adequada em uma escala de 1 a 5, sendo 5 muito próximo e 1 pouco próximo. Treze avós marcaram 5, uma 4 e uma 3. Quanto à frequência com que veem os netos, cinco avós afirmaram ser todos os dias, duas avós afirmaram que a frequência depende de qual neto, ainda assim, a maioria diz ver os netos com bastante frequência ao longo do ano. Sobre serem avós maternas, paternas ou os dois, 8 eram avós maternas, 5 eram avós paternas e 2 eram avós maternas e paternas, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1: Avós maternas, paternas ou materna e paterna



Fonte: a autora

Então foi feita uma entrevista semidirigida com quatro participantes que se disponibilizaram (apêndice B) a partir do critério de ter entre 50 e 70 anos e responder à mensagem de contato da pesquisadora.

5.2.1 Duração e Sequência de aplicação de instrumentos

O questionário de duração de 5 minutos e a entrevista semidirigida de 1 hora.

5.3 Local de coleta de dados

O formulário foi online e as entrevistas também, por meio da plataforma virtual Zoom.

5.4 Método de análise dos dados

Após a realização das entrevistas, as respostas foram analisadas a partir da perspectiva da psicologia analítica, a fim de uma compreensão simbólica dos fenômenos, em busca de suas causas e finalidades (PENNA, 2009), ou seja, uma pesquisa qualitativa.

5.5 Cuidados éticos

O projeto desta pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil e aprovado pelo comitê de Ética em Pesquisa Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com o número de protocolo 54171421.9.0000.5482. Os procedimentos realizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme a RESOLUÇÃO N° 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016, do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa não foi realizada sem a aprovação do Comitê de Ética.

5.6 Riscos

A pesquisa não apresenta riscos, contudo, foi ofertado aos sujeitos caso não se sentissem confortáveis com algum assunto da pesquisa, poderiam ser atendidos na Clínica Ana Maria Poppovic, assim como mencionado no termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

5.7 Benefícios

O estudo buscou compreender a participação dos netos no processo de individuação das avós, visto que a individuação é um processo que ocorre com todas as pessoas, tendo especial destaque na segunda metade da vida.

5.8 Desfecho

A pesquisa contribui para melhor compreensão do processo de individuação das avós e a participação dos netos nele.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A avó A. de 63 anos, é avó paterna e tem um neto de 1 ano. Conta que não mora tão próxima ao neto e o vê a cada 15 dias quando o filho, o neto e a nora a visitam. Atualmente ela está estudando pedagogia e relata cuidar do neto quando ele a vem visitar.

A avó B. tem 64 anos, é avó materna de gêmeas de 1 ano e avó paterna de gêmeas de 5 anos. Atualmente mora com a filha e sua nora no Rio de Janeiro, enquanto seu filho e as gêmeas mais velhas moram em Porto Alegre. Faz visitas de alguns meses às netas mais velhas e assume um cuidado diário com as netas mais novas. Não está trabalhando fora no momento, mas quando as primeiras netas nasceram trabalhava fazendo salgados e morava em São Paulo na época.

A avó C. tem 53 anos e trabalha em uma empresa, é avó de um neto de 6 anos. Ela já morou com o neto no primeiro ano de vida dele, atualmente mora perto dele e o vê toda sexta-feira. Relata brincar com o neto.

A avó D. tem 60 anos, trabalha em uma empresa, é avó paterna de um neto de 7 anos. Atualmente divide sua vida entre São Paulo capital e sua cidade natal no interior do Estado, é também a cidade que seu filho, nora e neto residem. Relata ficar com o neto toda sexta-feira e final de semana, afirma que ele gosta de jogar no celular quando está em sua casa.

6.1 Fatores da avosidade

As entrevistas feitas com A (63 anos), avó paterna, com B (64 anos) avó materna e paterna e C (53 anos) avó materna, com C (53 anos) avó materna e D (60 anos) avó paterna. Há alguns pontos de convergência com a literatura levantada sobre o tema da avosidade.

6.1.1 Reação com a notícia e o tornar-se avó

Sobre a notícia do tornar-se avó A. B. e D. relatam ter sentimentos positivos:

“Ah enlouqueci né, é uma explosão, é um amor diferente sabe Laura? É uma coisa, é muito louco, é muito doido porque é assim, é uma volta na maternidade, é conseguir, tentando, não conseguindo, mas tentando” (sic B.)

“Ai foi muito legal, até no aniversário dele 15 dias atrás, eles passaram o vídeo do primeiro ano dele e começava quando eles vieram dar a notícia, eles vieram com uma caixinha já né, que era um presentinho assim de vovô, vovó, daí deram pro tio e pra tia, também para os outros filhos, então a gente não sabia, se entregaram aquilo na nossa mão assim, a gente entendeu o significado, mas foi muito emocionante (...)” (sic A.)

“(...) ele (o filho) chegou, só ele na sala e falou assim “mãe eu tenho uma coisa pra te contar”, ai eu falei “uai”, ele tava com uma cara meio preocupada, falei “ai jesus”, dai ele falou “a T. ta grávida” e eu “nossa que maravilha!”, acho que até ele assustou com a reação que eu tive (...)” (sic D.)

Já a avó C. afirma que a primeira sensação foi de susto por conta da gravidez inesperada da filha e por ela ainda ser nova:

“Levei um susto assim, não porque eu não queria ser avó mas pelo impacto que eu sabia que ia causar na vida dela, então foi um bom susto, não tive nenhum sentimento de rejeição ao bebê, nada disso assim, isso foi bem claro na minha cabeça e eu fui bem clara com ela também, que o problema não era o bebê, muito pelo contrário eu sabia que a criança viria e traria alegria para a toda família, mas que pra ela seria mais difícil, ia ter que conciliar uma vida de juventude, com a faculdade, alguns sonhos ou alguns desejos ela ia ter que interromper por um tempo (...)” (sic C.)

Apesar do susto, C. conta que depois passou e ela passou a ter sentimentos positivos em relação à gravidez e pode deixar de lado frustrações que sentiu por sua filha ter engravidado nova e ela ter falhado como mãe, no sentido de orientá-la:

“Depois que a notícia se estabilizou e tal, eu curti, eu comecei a curtir, então eu me sentia jovem para ser avó (...) as nossas memórias, (...) de um monte de gente, quando a gente pensa em avó é uma senhorinha que fica em casa fazendo bolo da tarde, fazendo tricô né e eu não era muito essa cara de avó, achei legal isso, puts eu to em uma nova era, talvez seja meio entre aspas um fracasso, a minha filha ter sido descuidada e engravidado praticamente na adolescência, tipo falhei como mãe porque não dei para ela talvez a estrutura certa ou a instrução sei lá o que passou, passava um pouco disso (...), mas superei isso também porque não é minha responsabilidade, toda a informação ela tinha, de prevenção de riscos (...) então rapidamente desencanei dessa responsabilidade de não ter

feito direito, então comecei a curtir essa coisa de ser avó jovem, vou ter energia, vou poder curtir, não vou ser a avó coroca que faz bolo da tarde, mas vou poder jogar bola de gude na rua, brincar no quintal, andar de bike no parque, foi um sentimento bom assim” (sic C.)

“Ai quando ele nasceu é um sentimento que não dá nem pra explicar (...), mas um sentimento muito bom assim, o pessoal sempre fala, a gente sempre ouve que avó é mãe duas vezes, a mãe com açúcar” (sic C.)

Tais sensações ambivalentes também aparecem na literatura (DUTRA, 2008), em especial nos casos de gravidez na adolescência, similar ao relato de C. Ainda assim, posteriormente foram predominantes os sentimentos positivos. Com essas falas também é possível ver o processo do tornar-se avó em relação ao amadurecimento individual das avós (DUTRA, 2008):

“(...) ao ver a educação de uma criança, eu acho que eu revi, eu revisei, se eu tivesse a oportunidade de visitar lá a infância dos meus filhos, algumas coisas eu teria feito diferente, algumas cobranças, algumas colocações que eu acho que foram colocações que eu cresci ouvindo né, de responsabilidade, algumas frases que hoje não por causa do A. (seu neto), mas pelas coisas que eu aprendi na vida, eu não faria, se eu pudesse voltar eu faria diferente, falaria diferente” (sic C.)

“(...) eu vejo assim, é uma outra fase, virou uma página, no emocional, na maturidade, na aceitação sabe, no desapego de cabelo ta branco, não to nem aí, não tenho mais aquela coisa sabe, ta bom pra elas (as netas) ta bom pra mim, é bem isso. Acho que é maturidade né, acaba trazendo a maturidade. E como fala... aceitação de que você ta envelhecendo, que você ta fazendo seu percurso, que você ta fazendo seu caminho né.” (sic B.)

“(...) o M. veio em uma fase que eu tava mais madura, você sabe lidar melhor com algumas coisas.” (sic D.)

É interessante observar como no relato de A. ainda está em curso o processo de tornar-se avó, uma vez que ela afirma ainda não ter assimilado completamente o papel de avó e como ela associa essa pouca assimilação às visitas pouco frequentes do neto, mostrando a importância da distância geográfica e do convívio:

“Eu acho que demorou para cair a ficha, na verdade eu acho que ainda... ta caindo agora depois de um ano, né porque primeiro ele nasceu prematuro e eles moram longe de mim (...) cada quinze dias mais ou menos eu o vejo, então é emocionante, mas as vezes eu tenho a impressão que ainda não é uma realidade. (...) talvez eu tivesse assumido mais esse papel de vó, eu acho que ainda não assumi esse papel de vó.” (sic A.)

Parece também que o papel de avó além de ser assimilado aos poucos, também pode ter momentos de insight, como relato por C.:

“(...) ela (a filha) tava fazendo os exames antes de ir para a sala do parto e ela (a médica) falou assim “você quer ver os cabelinhos do seu neto?” e ela me mostrou por baixo, já tava muito dilatado, deu para ver os cabelinhos dele e foi uma conexão assim tão incrível, não sei nem explicar, é inexplicável.” (sic C.)

6.1.2 Distância geográfica e as diferenças entre avó materna e avó paterna

Sobre a distância geográfica entre avó e neto, a avó A. afirmou existir ter uma maior distância geográfica entre ela e seu neto, sendo que a avó materna mora mais perto do neto e o vê com maior frequência, assim, isso está de acordo com a bibliografia que afirma ser mais frequente as visitas das avós que moram perto e essa avó assumir mais papel de cuidadora (RAMOS, 2014). O mesmo ocorre com o relato da avó B. uma vez que ela mora com as gêmeas de sua filha e faz visitas mais longas às gêmeas de seu filho uma vez que eles moram longe, além de assumir o papel de cuidado com as gêmeas da filha. No relato da avó C. esse dado é confirmado, ainda que seu neto tenha morado algum tempo com a avó paterna e está avó tenha assumido o papel de cuidadora, atualmente, a avó materna (avó C.) mora mais perto do neto e recebe mais visitas do neto do que a avó paterna. Já a avó D. diverge em alguns pontos, a convivência de seu neto é maior com ela do que em relação à avó materna, sendo que as duas moram perto do neto. O interessante é que D. passa alguns dias em sua casa em São Paulo e alguns dias em sua casa no interior, na mesma cidade que o neto mora, ainda assim ele o vê com mais frequência do que a avó materna que está sempre na mesma cidade que ele.

Uma questão que atravessa a distância geográfica é a diferença entre avó paterna e materna. O relato de A., B. e C. está de acordo com a literatura, a avó de maior convivência é a avó materna (KIPPER; LOPES, 2006; ANTÓNIO, 2010). Isso apenas

diverge no relato de D., ela é avó paterna e vê o neto com mais frequência do que a avó materna, contudo, parece que essa proximidade com o neto vem de uma busca ativa da avó por isso, ela explica tal situação quando menciona querer retribuir o cuidar que sua mãe teve com seu filho, fazendo o mesmo com seu neto:

“Foi muito importante para mim (o cuidar que sua mãe teve com seu filho) então eu tento retribuir ficando com o M., lógico que não é nada ruim isso, então eu uni o útil ao agradável, eu sei que todo casal que tem filho pequeno precisa de ajuda, sempre precisa, de vó e vô ou de alguém mais próximo” (sic D.)

Ainda que D. veja mais seu neto, ela relata existirem diferenças entre ser avó materna e paterna. A. e C. também compartilham dessa opinião:

“(…) quem cuidou dos meus filhos foi a avó, a minha mãe, a avó materna. Embora a minha sogra morasse em Londrina, morava longe. Mas acho que a filha confia mais na mãe para cuidar dos filhos e aí no caso a minha nora optou pela mãe dela né” (sic A.)

“Com a minha filha, como ela morou com os avós paternos por dois anos, eu acho que eles criaram uma proximidade muito forte com o A. (o neto), mas depois que eles passaram a viver sozinhos, na casa deles, eu percebo que é meio natural, não tem uma coisa que eu force, mas é mais fácil eles estarem aqui comigo e fazendo os programas que eu organizo para fazer no final de semana do que com os pais dele, apesar de serem bastante próximos também, mas eu acho que tem (diferença entre avós materna e paternas), (...) mas eu penso que o lado materno é mais forte, pensando nos exemplos que eu tenho de família, então eu vejo de uma forma geral, até quando você começa a namorar acaba que o namorado vem mais para a casa da menina, da mãe, do lado materno do que do menino.” (sic C.)

“(…) é diferente quando você é avó de filho homem né, então quando você é avó de filho homem tem a sua nora né, então a sua nora quer educar, lógico, do jeito deles e não quer muito interferência do tipo assim “ai eu acho que o M. ta meio com febre”, (...) então a gente tem que se policiar para fazer isso com nora, quando é filha acho que é mais fácil, mas ser avó de filho é diferente do que ser avó de filha né, você tem mais liberdade.” (sic D.)

Na fala de A. destaca-se a escolha da nora por ter a ajuda de sua mãe no cuidado do neto e não de sua sogra, sendo essa uma experiência que ela vive enquanto avó paterna e viveu enquanto mãe. Já C. aponta que observa essa diferença na proximidade com o lado materno da família e que considera isso natural. Ainda que D. seja avó paterna e mais próxima do neto, ela afirma existir uma diferença entre os limites da atuação como avó paterna por conta da nora, sendo o lidar com a nora diferente do lidar com uma filha e do lidar com um filho. B. é a única avó que não relata explicitamente essa diferença, quando questionada sobre ela responde que “o amor é igual” (sic B.), ainda assim, ao longo da entrevista ela aponta diferenças entre a avosidade que exerce com suas netas, sendo que com as gêmeas de sua filha, ela tem uma relação de cuidado, como alimentar, ninar, enquanto com as gêmeas de seu filho, as atividades feitas com maior frequência são o brincar, ver desenhos. Além disso, ela relata uma diferença no sentimento que sente pelas filhas de sua filha:

“(…) a proteção aqui para as meninas daqui (netas filhas de sua filha), é aquilo que eu te falei, eu to vivendo uma outra realidade com elas que eu não vivi com as meninas do sul (...) esse período da mãe biológica, eu não sei o que aconteceu na vida delas, o que elas sentiram né, como elas receberam toda essa... não foi positivo né, sabe, não foi. Então a gente quer proteger.”

B. atribui isso ao fato de estar vivendo com a filha e as netas e por isso o cuidado ser tão presente, sendo uma realidade diferente das gêmeas de seu filho, mas também atribui ao fato de as gêmeas filhas de sua filha terem um histórico em parte desconhecido por serem adotadas. A mãe biológica dessas gêmeas era moradora de rua e usuária de drogas, então B. entende que isso pode ter tido impacto em suas vidas e quer as proteger ainda mais.

6.1.3 Tempo que dispõe na velhice, co-residência e a pandemia

A literatura aponta para uma mudança em relação ao tempo que dispõe na velhice e aposentaria em relação ao tempo quando eram mães (KIPPER, LOPES, 2006), somente B. e C. afirmam existir uma mudança na relação com o tempo, ainda que C. continue trabalhando atualmente, há uma diferença na possibilidade de flexibilização de seus horários:

“(…) eu to em outra fase da vida, na fase que eu tinha os meus filhos eu trabalhava, eu estudava, eu não tinha tempo, tinha que garantir mais o prover para eles, a escola e tal e para o meu neto eu to em outro momento, então já trabalho menos, já posso trabalhar menos, eu já tenho os finais de semana mais livres, então quando ele vem na sexta-feira ou se ele vai estar comigo no final de semana, eu já me organizo pra ficar com ele” (sic C.)

Já B. afirma que quando as primeiras netas a nasceram trabalhava e sua vida era mais corrida, um cenário diferente agora que não está mais trabalhando fora de casa e passa o tempo todo com suas netas por parte de sua filha:

“Nessa época (em que as primeiras netas nasceram) eu morava em São Paulo e tinha aquela minha vida enlouquecedora daquele meu trabalho (...) era muito trabalho, entrava 7 horas da manhã na cozinha e saía às 16h sem parar. (...) Era uma loucura, não tinha condição, eu saía por exemplo na quinta, deixava tudo organizado para voltar no domingo, nos dias que eu podia para ir para Porto Alegre, que eu fui em aniversário, nascimento delas, elas nasceram em uma sexta-feira, eu fiquei sábado e domingo fui embora entendeu. Não pode acompanhar, ficar, ajudar a minha nora né, coisa que aqui (com a filha) ta sendo diferente.” (sic B.)

A questão das avós enquanto cuidadoras aparece relacionado a co-residência com os netos, sendo que tal situação pode ser devido à gravidez na adolescência (AZAMBUJA; RABINOVICH; RAMOS, 2018). O relato da avó C. é similar, ainda que sua filha não tenha ficado grávida na adolescência, ela ficou grávida jovem, não foi uma gravidez planejada e ela continuou morando com a mãe, assim durante o primeiro ano de vida do neto, ele morou com a avó e foi cuidado por ela, ainda que não de forma exclusiva, pois ela trabalhava fora. Com D. a co-residência durou apenas dois meses, mas ela afirma que a mudança veio por conta de tanto a nora quanto seu filho preferirem morar no interior. Já B. atualmente mora com a filha, pois passou por problemas financeiros e problemas no trabalho, o que a impactou e a filha a convidou para morar com ela como um jeito da mãe se organizar novamente. Nesse caso, não teve relação com o ser avó, mas B. faz tarefas de cuidado integral com as netas.

Em relação a pandemia, tanto a avó A, quanto a avó B e C se afastaram dos netos no período da pandemia. Ainda que B. tenha ido morar com sua filha e suas duas netas, ela se afastou das filhas de seu filho e só voltou a vê-las quando a situação da pandemia melhorou. Já a avó A. afirma que demorou mais tempo para conhecer o neto, pois ele ficou um mês internado no hospital e não eram permitidas visitas, ainda afirmou que não o via com tanta frequência pois em cada semana uma avó ia visitar o neto, como um método de evitar muitas pessoas juntas. A avó C afirma que não viu o neto no início da pandemia, apenas por chamadas de vídeo, pois sua filha morava com a avó do marido, grupo de risco para a Covid-19. Já a avó D. também estava distante do neto durante o período da pandemia, contudo, isso porque pouco antes de começar a pandemia seu filho e a família foram morar no exterior. Assim, as avós A., B. e C. encaixam-se em um dos modelos propostos por Fonseca e Andrade (2020) sobre a relação entre avós e netos durante a pandemia, no modelo de distanciamento físico entre esses familiares, uma vez que a pandemia exigiu medidas de isolamento social e alguns avós são grupo de risco por serem idosos.

6.1.4 Atividades realizadas com os netos, comunicação e tecnologia e relação com a nora

Quanto as atividades realizadas com o netos, os cuidados básicos aparecem nos quatro relatos, sendo esse tipo de atividade um destaque nas avós de bebês, já com os netos crianças, aparecem atividades como brincar, ver desenhos na televisão, passeios e ajuda com a lição de casa. Tais informações também foram encontradas na revisão de literatura (OLIVEIRA; VIANNA; CÁRDENAS, 2010).

Há duas atividades feitas em conjunto que não foram encontradas no levantamento bibliográfico, tanto na bibliografia sobre a atividades pela videochamada, quanto atividades presenciais: ver vídeos de criadores de conteúdo infantil, atividade mencionada pela avó B. e jogar videogames com o neto, atividade executada pelo marido de D.. Outro fator novo que surge no relato da avó B. é o estar conectado em videochamada com a avó, enquanto as netas jogam jogos em seus *tablets*, sendo que as netas não querem que a avó desligue, mesmo que elas não estejam interagindo diretamente com ela: “fica ligado e elas ficam jogando, mas eu não posso desligar” (sic

B.). Os jogos de celular também aparecem no relato de D., ainda que ela não jogue com o neto, essa é uma atividade que é executada quando ele está na casa da avó.

No relato de B. destaca-se a questão da distância geográfica e por consequência, o uso da tecnologia para garantir a comunicação, uma vez que ela mora em um estado diferente das suas netas por parte de seu filho. Os encontros que eles têm são como os descritos por Ramos (2014), as visitas são menos frequentes, contudo, duram mais tempo, além disso, ocorrem comunicações por computador e telefone. B. afirma que por meio das chamadas de vídeo acompanha as netas no almoço, na lição, na vida diária e em brincadeiras, atividades similares às apontadas por Luís (2016). Ainda assim, B. afirma sentir falta do contato físico com as netas que moram em outro estado. A saudade de contato físico é algo apontado por Torres (2019) como recorrente em avós que se comunicam com os netos pela tecnologia, mas não os veem presencialmente com tanta frequência.

O uso da tecnologia também teve sua importância para D. quando seu neto morou na Espanha, eles se comunicavam por videochamada, ainda que “ele (neto) não tinha muita paciência não, era bem difícil, porque ele não gostava muito de falar no celular” (sic D.). Destaca-se também a importância da tecnologia para A., uma vez que o neto nasceu prematuro e teve de ficar algum tempo hospitalizado, além de ter nascido durante a pandemia do Covid-19, o que a impossibilitou de vê-lo no começo e com frequência, assim, a comunicação de novidades e fotos do neto era feita por *whatsapp*. Ainda que não seja uma comunicação direta entre a avó e o neto, é uma forma de estabelecer algum tipo de proximidade. Com a avó C. a comunicação por meio de videochamadas também foi presente, contudo, apenas durante o período da pandemia de Covid-19, sendo essa prática pouco feita atualmente, uma vez que a avó vê com frequência seu neto.

Outro fator que deve ser considerado ao exercício da avosidade é a relação da avó com a esposa ou marido de seu filho ou filha (CHIAPIN; ARAÚJO; BAUMKARTEN, 1998; SOZO; DENTI; BAUMKARTEN, 2012). Todas as entrevistadas falaram tem uma boa relação com as noras ou genro, destaca-se o relato de B. em que afirmou ter uma relação de amizade com a esposa de sua filha, sendo os outros relatos menos afetivos. Também chama atenção o fato de três avós terem falado sobre os

limites da atuação enquanto avós, sendo que duas deram ênfase que não seria bem-visto pelos pais do neto ultrapassar alguns limites:

“então a gente acaba fazendo coisas que as vezes o filho e a nora não gosta, mas isso é normal, faz parte.” (sic A.)

“a gente tem que até se controlar um pouquinho para não interferir, porque é diferente quando você é avó de filho homem né, então quando você é avó de filho homem tem a sua nora né, então a sua nora quer educar, lógico, do jeito deles e não quer muito interferência do tipo assim “ai eu acho que o M. ta meio com febre”, “acho que o M. precisa comer melhor”, então a gente tem que se policiar para fazer isso com nora, quando é filha acho que é mais fácil, mas ser avó de filho é diferente do que ser avó de filha né, você tem mais liberdade. Mas devagarzinho eu e o. fomos aprendendo a lidar, olha não pode exceder muito, a gente também não pode ceder muito se não o neto fica bastante mimado” (sic D.)

“(…) eu respeito né, tento respeitar, porque as vezes é difícil, estamos muito próximos, muito juntos, a gente acaba se metendo, eu sei que é errado, mas eu tento.” (sic B.)

6.1.5 Influência da avó que teve, revisitar a maternidade e o “Vovó”

Sobre a influência da avó que teve, da neta que foi e o tipo de avó que hoje é A., C. e D. afirmaram não terem convivido tanto com suas avós e se conviveram a relação era distante, tais resultados são similares ao da pesquisa de Kipper e Lopes (2006). A avó B. diverge nesse ponto, pois além de ter convivido muito com suas avós, em especial a avó paterna, afirma que a relação das duas era de muita proximidade e afeto. Em relação à essa avó mais próxima, a avó B. diz “Aí parece que eu meio que incorporei a avó M., um pouco dela, sabe? Ainda que seja o dedinho do pé ta bom pra mim.” (sic), o que está de acordo com o apontado por Dutra (2008) de que as avós afirmam que gostariam de ser como as avós que tiveram. Um dado novo é a influência do avô na avosidade, informação que aparece no relato de D., contudo, parece que essa influência está mais relacionada à aspectos gerais de D. do que ao exercer de sua avosidade:

“Ah pode ser, nunca pensei nisso (a influência do avô em sua avosidade), mas como ele sempre foi muito presente, eu acho que fui educada com essa história de

respeito, de avô, principalmente respeito que a gente tinha e que ele passava muito para a gente, pode ser, eu nunca tinha pensado não, mas pode ser que seja isso.” (sic D.)

Aparece no relato de A., C., e D. a influência das suas mães enquanto avós no exercício de sua avosidade. A. vê a influência por sua mãe ter cuidado dos filhos e os mimados, relata ser similar à relação com seu neto especialmente por tanto ela quanto a mãe cozinham para os netos, sendo essa uma atividade que envolve afetos. Já C. relata que não havia pensado sobre isso antes, mas que acreditava ter influência, em especial pelo tipo de cuidado e proximidade que sua mãe tinha com os netos. D. afirma que a influência também ocorre pelo tipo de cuidado que sua mãe tinha com os netos e conta que tenta “retribuir” (sic D.) isso de alguma forma para seu filho H., cuidando do netos aos finais de semana por exemplo.

As quatro entrevistadas afirmaram revisitar suas experiências prévias enquanto mães, especialmente em relação as responsabilidades de mãe serem diferentes das avós, “é mais pesado ser mãe do que ser avó e isso é super evidente pra mim” (sic C.), “é bem mais leve, muito mais leve do que educar um filho, o que é uma visita também, então a gente acaba fazendo coisas que as vezes o filho e a nora não gosta, mas isso é normal, faz parte” (sic. A.), “é um cuidar diferente, é prazeroso, é mais prazeroso porque você não tem responsabilidade de educar, apesar de que você quer fazer, mas você não tem essa responsabilidade né” (sic D.), assim mostra-se a diferença no valor de educar, sendo a responsabilidade da educação considerada mais pesada. Ocorrem também comparações em relação ao tipo de mães que foram e ao tipo de avós que são, conforme apontado por Dutra (2008), elas afirmam reverem e reavaliarem algumas atitudes e a rigidez que tinham quando mães em relação a criação e educação dos filhos, algumas frases ilustram isso:

“(…) com meus filhos eu era mais dura, eu tinha necessidade de ser mais dura, talvez nem devesse ser tanto, hoje até vejo que talvez eu tenha sido mais do que eu deveria” (sic C.)

(…) a fase do bebê, primeira infância, adolescência e em todos esses períodos teve coisa que eu não faria, teve coisa que eu faria, entendeu, então essa fase de ser avó, te traz na lembrança, hoje por exemplo, o que eu faria ou o que eu não faria, como eu agiria, como eu não agiria, é poder exercitar isso nelas. E pensar assim, por exemplo,

atrasar meia hora o almoço não ia fazer tão mal, entre eu atrasar e segurar eles um pouquinho, acalmar, eu vejo muito isso lá na casa da minha nora, lá no sul. Ela para, ela senta, ela abaixa, ela fala em tom baixo, ela fala no mesmo nível, pega no colo, eu vi assim que ela até apertava, abraçava, para explicar que não tava certo, que tava errado. Eu aprendi bastante assim... com ela, em ver como ela fazia com as meninas.” (sic B.)

“(...) é muito doido porque é assim, é uma volta na maternidade, é conseguir, tentando, não conseguindo, mas tentando” (sic B.)

“(...) quando a gente é mãe, a gente tem que ser dura, mais dura, a gente tem que (...) focar mais na educação e isso a gente, eu, não consigo ser com o M. entendeu?” (sic. D)

É interessante apontar que tanto C. quanto D. afirmam verem seus filhos repetindo atitudes que elas tiveram com eles quando crianças e que hoje não consideram boas atitudes:

“(...) as vezes eu vejo a minha filha repetindo com ele algumas coisas que eu fiz eu falo “puts não precisa ser assim”, não precisa ser tão incisiva.” (sic C.)

“(...) eu vejo muitas coisas que eu fazia com o H. (o filho) e as vezes eu falo com o H., “H. ó não faz assim, porque quando eu fiz isso com você não deu muito certo”, eu tento mostrar para o H. (...) “quando você era pequeno, quando você era da idade do M., você também fazia isso e eu acho que eu errei nisso.” (sic D.)

A avó C. ainda aponta outro aspecto de sua maternidade que foi revivido, o do seu papel de mãe para com sua filha que estava então se tornando mãe. C. parece ter sentido empatia pelo momento que sua filha estava vivendo, reconhecido pela avó como similar ao que ela viveu quando mãe, além de apontar isso como uma aproximação da filha, o que vai de encontro com o apontado por Kipper e Lopes (2006) sobre a relação mãe e filha poder melhorar após o nascimento do neto:

“(...) fiquei muito tocada em ver as reações dela (a filha), em como ela tava reagindo a aquilo, como ela tava sofrendo dor, dúvida, medo e eu acho que isso também de alguma forma me aproximou mais dela, de ver a minha filha com um outro olhar né, não com o olhar de puts você tinha que estar fazendo a sua faculdade com mais foco, não

sendo mãe, mas comecei a olha-la como a filha mãe que ela estava se tornando ali e que se pra mim quando eu fui mãe foi muito cheio de dúvidas, para ela tava mais ainda, porque ela não tava de fato preparada para aquilo, ela tava obrigatoriamente abrindo mão de uma porção de coisas (...), eu me coloquei bastante no lugar dela (...)" (sic C.)

D. foi outra avó que pareceu notar e mencionar a mudança com o filho após o nascimento do neto, ela afirma que ele ficou mais próximo e a procurou mais para apoio.

Um ponto interessante que apareceu nas entrevistas de B., C. e D. foi o chamar de "vovó", a nomenclatura pareceu um ponto importante e ao falarem disso, as avós expressavam afeto e uma relação com o orgulho de serem avós, duas falas exemplificam isso:

"(...) pra mim é tanto orgulho, tenho um orgulho na rua "o vovó" "cadê a vovó?" (sic C.)

"eu ouvir "vovó" é uma coisa assim entra e explode que nem bolinha de sabão, esse vovó, vovó, vovó, ai que delícia!" (sic B.)

"Ah é muito lindo, muito lindo, é assim, é uma coisa que ninguém fala e ele chama de vovó até hoje (...) o fato dele chamar de vovó é muito gostoso, muito emocionante assim, sabe? É diferente de ter alguém que nem meu filho me chamando de mãe, eu acho que é mais carinhoso sabe assim? O fato de ouvir o som de vovó, eu acho que me remete mais assim à uma pessoa que tem muito carinho por você." (sic D.)

Tanto o tema dos netos com deficiência quanto o tema do divórcio não apareceram em nenhuma das entrevistas, não sendo possível fazer alguma relação entre os dados da entrevista e literatura levantada.

6.2 Relação com a individuação e puer-senex

Alguns pontos gerais presente na maioria das entrevistas parecem ser centrais para pensar a relação dos netos no processo de individuação das avós, eles são: o momento de vida diferente da primeira metade da vida, a maturidade, aceitação da velhice, rever atitudes da primeira metade da vida, a ideia dos netos como renovação e a mudança de perspectiva depois do nascimento dos netos.

Sobre o momento de vida as avós se referem a sua fase atual como diferente de antes, não necessariamente o antes de ser avó, mas há um reconhecimento da vida em sua segunda parte, bem como teorizado por Jung (2000) que aponta a vida dividida em duas metades. B. expressa isso a partir da ideia de uma nova página:

“(…) eu vejo assim, é uma outra fase, virou uma página, no emocional, na maturidade, na aceitação sabe, no desapego de cabelo ta branco, (faz gesto com o braço), não to nem aí, não tenho mais aquela coisa sabe, ta bom pra elas (as netas) ta bom pra mim, é bem isso. Acho que é maturidade né, acaba trazendo a maturidade. E como fala... aceitação de que você ta envelhecendo, que você ta fazendo seu percurso, que você ta fazendo seu caminho né.” (sic B.)

Nessa frase de B. é possível também identificar o aspecto da maturidade proveniente de idade, o que vai de encontro com a ideia da expressão do arquétipo do Senex enquanto acúmulo de sabedoria (BERNARDI, 2010). Tal aspecto também é mencionado por C. e D.:

“o M. (neto) veio em uma fase que eu tava mais madura, você sabe lidar melhor com algumas coisas” (sic D.)

“Eu acho que sim, a gente revê bastante coisa, acho que não é só o fato de ter me tornado avó, mas acho que a maturidade em si, o envelhecer, hoje eu tenho 53 anos já vejo uma porção de coisas que eu via as 30 com um outro olhar.” (sic C.)

Nas falas acima há também o reconhecimento do envelhecer, explicitamente expressos por B. e C. É interessante observar a constatação de B. em relação aos cabelos brancos, característica diretamente relacionada à velhice, ela associa a aceitação dos cabelos brancos como a aceitação da velhice. Então menciona estar fazendo seu percurso e seu caminho, uma simbologia significativa para expressar o processo de individuação.

Outro aspecto interessante que revela a aceitação da velhice é a importância do chamar de “vovó”, três das quatro entrevistadas relatam com afeto o efeito de escutar o vovó. Pode-se pensar que isso está atrelado à aceitação da velhice, uma vez que há a associação comum entre ser avó e ser velha. Assim, essas falas mostram tanto o aspecto de maturidade, como de aceitação da velhice, situações que podem proporcionar maior amplitude de consciência, o que pode fazer parte do processo de individuação.

Quanto ao rever atitudes da primeira metade da vida as avós B., C. e D. relatam terem revisto o modo como tratavam os filhos após o nascimento do neto. B. e C. mencionam o que fariam de diferente e D. o que fez, não certo e, portanto, não gostaria que seu filho reproduzisse na educação de seu neto. Tais atitudes são, de modo geral, tidas como rígidas e atualmente as avós as consideram desnecessárias.

Tal atitude se assemelha ao descrito por Stein (2006), uma reavaliação dos valores quando se chega a segunda metade da vida.

Um aspecto do arquétipo do puer presente em algumas falas é sua relação com o futuro. Nas falas de A aparece enquanto uma preocupação com o futuro do neto:

“(…) a família que aumentou, preocupação com o futuro dele (o neto), de ele ter oportunidades no futuro, mesmo a gente não sendo os pais, a gente fica preocupado né dele ter condições no futuro de poder fazer uma faculdade” (sic A.).

Como também podem aparecer enquanto a potencialidade que a criança tem seu futuro, como mencionado por C.:

“Você olha puts “ele (o neto) tem um monte de perspectiva ele pode fazer o que quiser”, pode nem morar aqui, morar em outro lugar, pode querer morar na lua se tiver possibilidade daqui uns anos” (sic C.)

Ainda nesse sentido, aparece o aspecto da continuidade da família, como apontado por Colarusso (1998):

“(…) é legal você ver que a família ta continuando né, agora tem um neto, então tem uma continuidade na família, as vezes eu olho para ele assim e falo nossa ele tem os meus genes também, dos meus avós, dos meus pais.” (sic A.)

“Acho que é essa renovação, a gente meio que se vê renovado e a gente sempre fala, eles vão sendo nossas cópias melhoradas, já acho que meus filhos são um pouco de mim melhorados e o os netos serão eles ainda melhores.” (sic C.)

Nas duas falas existe a continuidade, mas é interessante o valor atribuído por C., pois a continuidade ganha um aspecto de otimização ao longo das gerações, com a ideia de cópias melhoradas. Há também a ideia dos netos enquanto renovação, o que vai de encontro ao que Bernardi (2010) fala sobre apenas existir renovação frente ao

envelhecimento. A. relata olhar para o neto e pensar que ali tem seus genes e genes das gerações anteriores, como uma revisitação dos antepassados. C. também relata ter passado a visitar as antigas gerações depois do nascimento do neto:

“É um estudo que eu tenho feito dos meus antepassados e isso é interessante porque eu nunca tinha me interessado em ver puts quem era meu avô, quem era o pai do meu avô, de onde ele veio, nunca tinha me interessado por isso e acho que um pouquinho quando vem essa coisa do neto é puxa o que significa isso, ele ta renovando a família” (sic C.)

Ainda sobre a ideia de renovação, B. a relata por meio da metáfora do carro sem gasolina:

“É uma felicidade explosiva, é uma coisa que explode na célula, revigora, rejuvenesce, é um carro sem gasolina que ganha gasolina aditivada e sai voando sabe, sai do chão.” (sic B.)

Pode-se pensar que essa fala expressa a atribuição do valor de ser avó para B., como algo que a move e não apenas a faz seguir, mas a leva para uma dimensão de maior alegria e intensidade. C. ainda adiciona que por vezes perde-se essa conexão com a renovação, o que é interessante por mostrar o nascimento do neto como algo que a religa com a vida, possivelmente, a religando ao seu processo de individuação:

“(…) é engraçado que a gente na juventude e até na vida adulta com filhos pequenos, filhos crescendo e essa responsabilidade toda a gente perde um pouco essa conexão de renovação, de renovação da vida.” (sic C.)

Assim, parece que tanto para B. quanto para C. há influência dos netos em seu processo de individuação. Já para A. isso não de mostra da mesma forma, suas A. foram pouco voltadas para as mudanças depois de ser avó, ela mesma afirma que demorou para “cair a ficha” (sic A.) e que ela ainda está no processo de compreensão do ser avó, o que pode indicar a pouca influência do neto no seu processo de individuação, uma vez que ela ainda nem compreendeu totalmente esse papel.

Já D. percebe mudanças na sua vida relacionadas à maturidade, mas não as atribui com o ser avó, também não relata a perspectiva de sua vida ter mudado por ter se

tornado avó. É possível observar mudanças concretas em sua vida, como o convívio com o neto aos finais de semana e ao planejar viagens a partir do que ela supõe que o neto gostaria de fazer. Contudo, parece que o ser avó não a fez refletir e repensar aspectos da sua vida, o que é corroborado por falar suas como “nunca pensei nisso” (sic D.), isso pode indicar pouca influência do neto no seu processo de individuação. Além disso, destaca-se uma diferença entre a avó D. em relação a avó B. e C., ela convive muito com o neto, porém a principal atividade que ele faz na casa da avó é jogar no celular, assim, não é uma atividade de interação com a avó, diferente do que ocorre com B. e C. em que acontecem diversas atividades, inclusive brincadeiras.

Assim, pode-se pensar que a influência dos netos no processo de individuação das avós está atrelada ao nível de proximidade da avó com o neto. A proximidade por sua vez, está também atrelada com outros fatores, como ser avó materna ou paterna, uma vez que todas as avós relatam notar diferenças no tipo de relação e pesquisas mostram as avós maternas como as mais próximas; a distância geográfica que mora do neto, uma vez que a proximidade está relacionado com isso, pois geralmente as avós que moram mais próximo são as que os netos convivem mais e cotidianamente; e o tipo de atividade feita com o neto, as atividades de maior interação entre avó e neto parecem determinar o nível de proximidade entre eles. Existem ainda o fator do tipo de relação com a esposa/marido do filho (a), ele não foi um destaque em todas as entrevistas, mas destaca-se a boa relação com a sogra ou o genro como um fator que pode aumentar o convívio das avós com os netos, uma vez que as noras e genros podem ver a avó como suporte e ajuda no cuidado do filho e assim deixá-lo sob os cuidados da avó.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo se propôs a descrever relação entre avós e netos e a influência dos netos no processo de individuação das avós, a partir da perspectiva de avós entre 53 e 64 anos, tendo em vista que a avosidade é exercida de múltiplas formas e influenciada por diversos fatores. Fundamenta-se na Psicologia Analítica como uma forma de compreender essas relações, como pela relação do arquétipo puer-senex, bem como o processo de individuação.

Pode-se perceber que a relação das avós entrevistadas com seus netos é influente em diversos aspectos de sua vida e para todas traz mudanças em suas rotinas. Ainda assim, nem todas as avós sentiram mudanças mais relacionadas a reflexão e ampliação de consciência, ou seja, mudanças atreladas ao processo de individuação. Apenas B. e C. relatam mudanças de perspectiva da vida, aceitação da velhice e a ideia dos netos como renovação. As duas ainda relacionam o amadurecimento com o ser avó, enquanto D. relaciona isso apenas com sua fase da vida e A. não menciona o amadurecimento. As avós B., C. e D. ainda relatam reavaliar, depois do nascimento dos netos, o modo como educaram os filhos, demonstrando maior relação com o processo de individuação.

Os resultados apontam para uma diversidade de fatores que influenciam a avosidade, sendo alguns fatores importantes também para determinar a influência dos netos no processo de individuação das avós, os de maior destaque nessa pesquisa foi: o tipo de interação com os netos e a frequência com a qual vê os netos. Sobre a frequência, é importante destacar que isso depende de outros fatores, como distância geográfica da avó e dos netos, relação com a esposa/marido da filha/filho, ser avó materna ou paterna. Assim, parece que as avós que convivem mais com os netos e que tem interações próximas com eles, são as avós que expressam maior influência dos netos em seu processo de individuação.

Há de se destacar algumas limitações da pesquisa. Todas as avós da pesquisa são avós que tem acesso à internet uma vez que responderam o formulário e fizeram a entrevista online, assim, pode-se pensar se o pouco contato com a tecnologia influencia na relação com seus netos. Além disso, todas as avós são avós de bebês ou crianças, sendo que não foi possível avaliar a influência dos netos mais velhos em seu processo de

indivíduo, uma vez que netos adolescentes e adultos podem ir sozinhos verem suas avós, não dependendo mais dos pais para isso. Também há o destaque do corte de idade, uma vez que não foram entrevistadas avós com menos de 50 anos, bem como avós com mais de 64. Temas que poderiam ser abordados em pesquisas futuras.

Outro tema de interessante que apareceu na maioria dos relatos das avós foi a questão do chamar de “vovó”, tal nomenclatura pareceu importante para as avós e foi dito como muito afetuoso. Tal questão poderia ser abordado em pesquisas futuras, uma vez que pareceu relevante, mas não foi encontrado bibliografia sobre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Mayeve Rochane Gerônimo Leite; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 1, p. 91-101, jan. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/NfRYyJmf8ZBCyB7TJRhHKGK/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 nov. 2021
- ANTÓNIO, Stella. Netos e Avós: a matrilinearidade dos afectos. In: **2 CONGRESSO PORTUGUÊS DE DEMOGRAFIA**, 2010, Lisboa. p. 1-18. Disponível em: <http://apdemografia.pt/files/1950024567.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2021.
- AZAMBUJA, Rosa Maria da Motta; RABINOVICH, Elaine Pedreira; RAMOS, Maria Natália Pereira. Avós e Interculturalidade: o que ensina e aprende com os netos?. In: XYPAS, Rosiane; COSTA-FERNANDEZ, Elaine M.; MARQUES-LAURENDON, Candy. **COMUNICAÇÃO E INTERCULTURALIDADE: educação, novas tecnologias e linguagens**. Pernambuco: Editora Ufpe, 2018. p. 353-368. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/view/163/161/467>. Acesso em: 08 out. 2021.
- BERNARDI, Carlos. Visão geral: senex-et-puer: esboço da psicologia de um arquétipo. In: MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro (org.). **Puer-senex: dinâmicas relacionais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 9-271.
- BLEGER, José. **Temas de psicologia: entrevistas e grupos**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CHIAPIN, Giuliana; ARAÚJO, Greicy Boness de; BAUMKARTEN, Silvana. Sogra-nora: como é a relação entre estas duas mulheres?. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, jan. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/FqMBqgsNLbhzcXzjYSVL8Nf/?lang=pt#:~:text=Assim%2C%20o%20modelo%20de%20rela%C3%A7%C3%A3o,a%20m%C3%A3e%20que%20nunca%20teve..> Acesso em: 25 maio 2022.
- COLARUSSO, Calvin. Separation-Individuation Processes in Middle Adulthood: the fourth individuation. In: **J Korean Psychoanalytic Study Group**, v. 9, n. 2, 229-246, [S.l.], set. 1998.

DEUS, Meiridiane Domingues de; DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções Maternas Sobre o Tornar-se Avó no Contexto da Gravidez na Adolescência. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 231-250, jan. 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/4518/451864487012/451864487012.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2021.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito; SILVA, Márcia Andréa Souza e. OS AVÓS NA PERSPECTIVA DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 55-62, jan. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/W8SCPshHWn3skjpLxZSY4Ld/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 nov. 2021.

DUTRA, Helena Maria de Sousa Menezes Ormonde Mendes. **O PAPEL DAS AVÓS NA PROMOÇÃO DE ESTILOS DE VIDA SAUDÁVEIS JUNTO DOS NETOS**. 2008. 204 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/handle/10451/1028?locale=pt_PT. Acesso em: 07 nov. 2021.

FERNANDES, Sílvia Ferreira. **A interação netos-avós na contemporaneidade**. 2017. 72 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade do Minho, Braga, 2017. Disponível em: http://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/46256/1/Dissertac%cc%a7a%cc%83o_S%c3%adlvia%20Ferreira%20Fernandes_2017.pdf. Acesso em: 08 out. 2021.

FERREIRA, Mariana Filipa. **Netos Adolescentes e seus Avós: um estudo qualitativo**. 2011. 42 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2011. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/114588/2/280343.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2021.

FGV Social – Fundação Getúlio Vargas. **Onde estão os idosos? Conhecimento contra o Covid-19**. 2020. Disponível em: <https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/Pesquisa-Covidage-FGV-Social-Marcelo-Neri.pdf>

FONSECA, Vatuza Micaela da; ANDRADE, Ana Maria Mattos de. **A AVÓ ENQUANTO CUIDADORA: um olhar para os aspectos intergeracionais de mulheres que cuidam de seus netos e seus impactos na covid-19**. 2020. 15 f. TCC (Graduação) -

Curso de Psicologia, Centro Universitário Uniacademia, Juiz de Fora, 2020. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2621/1723#>. Acesso em: 12 nov. 2021.

HILLMAN, James. **O livro do puer**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2008

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeção Populacional: Revisão 2018**. 2018. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=downloads>

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique, O. C. VIII/2**. 5 ed. Petrópolis:

Vozes, 2000.

_____. **Os arquétipos e o Inconsciente Coletivo, O. C. IX/1**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **O eu e o inconsciente, O. C. VII/2**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Tipos Psicológicos, O. C. VI**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

KIPPER, Caroline dal Ri; LOPES, Rita Sobreira. O Tornar-se Avó no Processo de Indivuação. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 1, 29-34, Porto Alegre, abr. 2006.

LUÍS, Carlos Tiago Levezinho. **Avós digitais: os usos sociais da videochamada na comunicação intergeracional familiar**. 2016. 53 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2016. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/12784/1/DISSERTACAO_FINAL_CL_36607_28-10-2016.pdf. Acesso em: 12 nov. 2021.

MARQUES, Fernanda Ribeiro Baptista et al. A PRESENÇA DAS AVÓS NO COTIDIANO DAS FAMÍLIAS DE RECÉM-NASCIDOS DE RISCO. **Ciência Cuidado Saúde**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 594-600, jul. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/17383/pdf>. Acesso em: 12 nov. 2021.

- MATSUKURA, Thelma Simões; YAMASHIRO, Juliana Archiza. Relacionamento Intergeracional, Práticas de Apoio e Cotidiano de Famílias de Crianças com Necessidades Especiais. **Revista Brasileira de Educação Especial, Marília**, v. 18, n. 4, p. 647-660, dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/Kk5w6QCYqW35vpFyP8LVF4B/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 out. 2021.
- OLIVEIRA, Alessandra Ribeiro Ventura; VIANNA, Lucy Gomes; CÁRDENAS, Carmen Jansen de. Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 461-474, jan. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/YPdgxkTQLXqdW39jDD3CwWx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 out. 2021.
- OLIVEIRA, Alessandra Ribeiro Ventura; KARNIKOWSKI, Margot Gomes de Oliveira. Apoio financeiro oferecido por avós a netos adolescentes. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 145-158, mar. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/13113/9641>. Acesso em: 12 nov. 2021.
- PAULA, Flávia Viana de *et al.* Avós e netos no século XX: autoridade, afeto e medo. In: **Rev Rene**, v. 12, 913-921, Fortaleza, jan. 2011.
- REDLER, Paulina. **Abuelidad**: mas alla de la paternidad. Buenos Aires: Editorial Legasa S.A, 1986.
- PENNA, Eloisa Marques Damasco. **Processamento simbólico arquetípico**: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica. São Paulo, 2009. 208 f. (Tese de Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- PIRES, Maria de Fátima Ferrão. **Presença e papel dos avós**: estudo de caso. 2010. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2010. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/3601/1/4537.pdf>. Acesso em: 08 out. 2021.

RAMOS, Anne Carolina. **SOBRE AVÓS, NETOS E CIDADES: entrelaçando relações intergeracionais e experiências urbanas na infância. Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 128, p. 781-809, jul. 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/gqRcq37wpXWXQXM4DJtnC8P/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 12 nov. 2021.

RAMOS, Natália. Família, solidariedade e relações intergeracionais e de gênero: avós e netos na contemporaneidade. In: MOREIRA, Lucia Vaz de Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira; RAMOS, Natália Maria (Org). **Pais, avós e relacionamentos**

intergeracionais na família contemporânea. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2017

REIS, Ana Rita Lemos. **QUANDO OS NETOS SE TORNAM CUIDADORES DOS AVÓS**. 2018. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gerontologia Social, Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Viana do Castelo, 2018. Disponível em:

http://62.28.241.119/bitstream/20.500.11960/2043/1/Ana_Reis.pdf. Acesso em: 12 nov. 2021.

SILVA, Lindinez Nascimento da. **TORNAR-SE AVÓ: percepção de avós de primeira viagem**. 2019. 20 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Centro Universitário de João Pessoa, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://bdtcc.unipe.edu.br/wp-content/uploads/2019/12/TCC-Lindinez-Nascimento-da-Silva-04-12.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2021.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SOZO, Rafaela; DENTI, Tayse Riva; BAUMKARTEN, Silvana. Sogra Versus Nora: se odeiam, se amam ou se aturam?. **Pensando Famílias**, S.L, v. 16, n. 2, p. 65-84, dez.

2012. Disponível em: https://domusterapia.com.br/wp-content/uploads/2021/03/REVISTAPFAMILIAS_16_n2_R_S_Sogra_versus_nora_se_odeiam_se_amam_ou_se_aturam_10-04-2012_1_REVISAO_06-06-2012_FINAL.pdf.

Acesso em: 25 maio 2022.

Acesso em: 25 maio 2022.

STEIN, Murray. **Jung: mapa da alma**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TORRES, Karine de Andrade. **A relação entre avós idosos(as) e netos(as) por meio das tecnologias de informação e comunicação**. 2019. 134 f. Tese (Doutorado) - Curso

de Psicologia, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em:
http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/1247/5/Ok_karine_andrade_torres.pdf.
Acesso em: 12 nov. 2021.

VON FRANZ, Marie-Louise. O processo de individuação. In: JUNG, Carl Gustav.
(Org). **O homem e seus símbolos**. [1964] 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Puer Aeternus: A Luta do Adulto Contra o Paraíso da Infância**. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2021.

APÊNDICE A

Modelo de formulário:

1. Você concorda com os termos acima?
 - a. Sim
 - i. Próxima página
 - b. Não
 - i. Fim do formulário
2. Nome
3. Idade
4. Gênero
 - a. Feminino
 - i. Próxima página
 - b. Masculino
 - i. Fim do formulário
 - c. Não-binário e outros
 - i. Fim do formulário
5. Você é avó materna, paterna ou os dois?
 - a. Materna
 - b. Paterna
 - c. Materna e paterna
6. Quantos netos tem?
7. Com quantos anos virou avó?
8. Seu(s) neto(s) são crianças, adolescentes ou adultos? (É possível selecionar mais de uma resposta, caso você tenha mais de um neto em diferentes faixas etárias)
9. Quantas vezes vê o(s) neto(s) ao ano?
10. Em uma escala de 1 a 5, sendo 5 muito próxima e 1 pouco próxima, o quão próxima você se considera do(s) seu(s) neto(s)?
11. Você gostaria e teria disponibilidade de fazer uma entrevista sobre sua relação com seus netos?
12. Sim
 - a. Próxima página

13. Não
 - a. Fim do formulário
14. Qual seu número de telefone ou email para que eu possa entrar em contato?

APÊNDICE B

Modelo de entrevista semidirigida: previsão de uma hora de duração

1. Nome
2. Idade
3. Com quantos anos virou avó?
4. Quantos netos tem?
5. Você conviveu com sua avó? Se sim, como era a relação com ela?
6. Como é a relação com os pais/mães de seus netos?
7. Você mora perto ou com seus netos?
8. Caso atualmente more perto ou more com, já existiu algum ou alguns momentos em que você não morava perto de/com seus netos?
9. Caso atualmente não more perto dos netos, como se da sua comunicação com eles?
10. Algum de seus netos tem deficiência?
11. Quais mudanças você percebeu em sua vida depois que seu primeiro neto nasceu?
12. Você faz atividades com seus netos? Se sim, quais e quais mais gosta?
13. Você estava trabalhando quando o(s) neto(s) nasceu/nasceram? E hoje?
14. O convívio com seus netos impactou sua rotina? Como?
15. A relação com seus netos te fez repensar sobre aspectos da sua vida?
16. Como foi o convívio com os netos durante a pandemia do Covid-19?

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Olá, sou Laura Helena Grosso Silva, aluna do curso de Psicologia da PUC-SP, e estou realizando uma pesquisa cujo objetivo é investigar a participação dos netos no processo de individuação das avós. O presente questionário constitui parte da pesquisa e tem como objetivo fazer um levantamento de avós e posteriormente uma entrevista online com as avós selecionadas de acordo com os critérios da pesquisa.

Ressalto que tanto questionário quanto entrevistas serão feitos online e não envolvem nenhuma ajuda de custo às participantes, sendo a participação voluntária com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Os dados destinam-se unicamente a fins acadêmicos. O uso das informações por mim oferecidas está submetido às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha pesquisa está sendo realizada sob a orientação da profa. Dra. Ivelise Fortim, docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Informo, ainda, que eu e a Profa. Ivelise o garantimos o sigilo das informações que você me fornecerá na entrevista, bem como o seu anonimato. É importante que você saiba que pode retirar o seu consentimento de participação em minha pesquisa a qualquer momento (mesmo depois de ter sido entrevistada) sem necessidade de explicações e sem que isso lhe cause nenhum prejuízo. Outros esclarecimentos também poderão ser solicitados se você julgar necessário. As informações de contato dela estão indicadas no final deste termo.

Considero importante esclarecer que minha pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, cuja função é analisar e rever os aspectos éticos das pesquisas feitas com a participação de seres humanos, com a finalidade de salvaguardar os direitos das/dos participantes destas pesquisas.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Profa. Dra. Ivelise Fortim Endereço: Rua Monte Alegre, 984, sala T52A, Perdizes, São Paulo-SP, CEP.: 05014-901 tel. (11) 3670-8320

COMITÊ DE ÉTICA DA PUC-SP: Endereço: Rua Ministro Godói, 969, sala 63C, Perdizes, São Paulo-SP, CEP: 05015-001 Tel. (11) 3670-8466 / Fax: (11) 3670-8466
Horário de atendimento: de 2ª a 6ª feira, das 9:00 às 18:00hs

CONTATO ESTUDANTE: Laura Helena Grosso Silva. Email:
laurahelenagrosso@gmail.com

Obrigada!